

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ERIC TRINDADE BONFIM

**Compartilhando uma cultura estratégica comum: o contexto geopolítico da
Iniciativa Europeia de Intervenção**

**Sharing a common strategic culture: the geopolitical context of the European
Intervention Initiative**

São Paulo

2020

ERIC TRINDADE BONFIM

**Compartilhando uma cultura estratégica comum: o contexto geopolítico da
Iniciativa Europeia de Intervenção**

Trabalho de Graduação Integrado (TGI)
apresentado ao Departamento de Geografia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas, da Universidade de São Paulo, como
parte dos requisitos para obtenção do título de
Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. André Martin

São Paulo

2020

Dedico a realização deste trabalho aos meus pais José e Silvia e à minha irmã Camille.

Aos meus caros Bianca, Gustavo R., Ana e Pedro, minhas grandes parcerias.

Agradeço também meus queridos Fábio e Cacilda da Comissão de Cooperação Internacional da Faculdade de Direito da USP, ao Leônidas da Imprensa, e à Universidade de São Paulo em si.

SUMÁRIO

Resumo	.6
Metodologia	.8
1.O 45º Presidente dos Estados Unidos da América	.9
1.1As formações das faces do governo republicano	.10
1.2A materialização dos discursos	.12
2. A Europa entre os Estados Unidos e a China	.17
2.1A OTAN	.19
2.2 A geopolítica clássica e a estratégia estadunidense	.22
2.3 A OTAN após a Guerra Fria e a noção contraditória de ocidente	.25
2.4 Um projeto militar essencialmente europeu	.31
3. As configurações políticas europeias como variáveis para a viabilidade do projeto militar	.34
3.1 O espectro geopolítico europeu em tempos conturbados	.43
4. Perspectivas de uma nova realidade	.48
4.1. Interpretações de ameaças em uma armada exclusivamente europeia	.58
Referências	.61

LISTA DE SIGLAS

ONU = Organização das Nações Unidas

NATO/OTAN = Organização do Tratado do Atlântico Norte

EI2 = Iniciativa Europeia de Intervenção

CNBC = Consumer News and Business Channel

CSN = Companhia Siderúrgica Nacional

WTC = World Trade Center

GDP/PIB = Produto Interno Bruto

CEMA = Chef d'État Major des Armées

BRI = Belt and Road Initiative

CFIUS = Committee on Foreign Investments in the U.S.

FMI = Fundo Monetário Internacional

UCK = Exército de Libertação de Kosovo

SRI = Instituto de Pesquisas Estratégicas dos Estados Unidos

OSCE = A Organização para a Segurança e Cooperação na Europa

OMS = Organização Mundial de Saúde

OMT = Organização Mundial do Trabalho

TTIP = Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento

TPP = Parceria Transpacífica

ECFR = Conselho Europeu de Relações Exteriores

Resumo

A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos da América em 2016 é um dos maiores símbolos das mudanças de paradigmas que o mundo ocidental vem presenciando nos últimos anos. Com um tom político e econômico mais agressivo, o presidente estadunidense abala estruturas diplomáticas construídas ao longo do tempo com países que por décadas foram aliados estratégicos da Casa Branca, encerrando um alinhamento fiel com certos países centrais europeus que se estendeu durante toda a Guerra Fria. Em nome de “Fazer a América grande novamente” por meio do acirramento entre nações e políticas protecionistas, o presidente eleito estimula uma guerra econômica ultramarina para diversas localidades, em especial para a China, centro produtivo do mundo. Numa série de encontros para celebrar o centenário do final da Primeira Guerra Mundial em 2018, o presidente francês Emmanuel Macron em meio a líderes mundiais do momento como a chanceler alemã Angela Merkel e o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, sugere o desenvolvimento de um projeto de uma Armada Europeia, projeto que em detrimento da OTAN, não conta com a presença dos Estados Unidos, que assim como a Rússia e a China, é tido em decorrência de tantos embates, como uma ameaça à Europa, delineando muito bem o contexto colocado na geopolítica contemporânea na nova ordenação de rivalidades entre potências.

Abstract

Donald Trump's election for the presidency of the United States of America in 2016 is the greatest symbol of the paradigm shift that the Western world has witnessed lately. With a more aggressive political and economic tone, the US president shakes up diplomatic structures built over time with countries that for decades were strategic allies of the White House, tearing down a stable alignment with some central European countries which went through the Cold War. In the name of “Making America Great Again”, through the intensification of rivalry between nations and protectionist policies, the president-elect stimulates an overseas trade-war all around the world, especially

against China, the world's manufacturing hub. In a series of meetings to celebrate a hundred years since the end of World War One in 2018, the French President Emmanuel Macron among leaders such as the German Chancellor Angela Merkel and the Secretary-General of the United Nations António Guterres, has suggested the development of a European army project, a project that, to the detriment of NATO, does not count on the presence of the United States, which is often now considered like Russia and China, a rival, delineating the context being formed into the contemporary geopolitics in the new ordering of rivalries between the currently greatest world powers.

Résumé

L'élection du président Donald Trump à la présidence des États-Unis d'Amérique en 2016 est le plus grand symbole du changement de paradigmes auquel le monde occidental a été témoin les dernières années. Avec un discours politique et économique plus agressif, le président américain secoue des structures diplomatiques construites au fil du temps avec certains pays qui ont été allies stratégiques de la Maison Blanc depuis décennies, en mettant un terme à ses alignement politiques qui ont duré pendant toute la Guerre Froide. Au nom de "rendre à l'Amérique sa grandeur" par l'intensification de rivalités entre les nations et des politiques protectionnistes, le président élu amène la guerre économique vers plusieurs endroits, en particulier pour la Chine, le centre manufacturier du monde contemporain. Lors d'une série de réunions organisées à l'occasion du centenaire de la fin de la Première Guerre mondiale en 2018, le président français Emmanuel Macron parmi personnalités telles que la chancelière allemand Angela Merkel et le Secrétaire Général des Nations Unies, António Guterres, suggère le développement d'un projet qui propose la création d'une armée exclusivement européenne. Un projet qui, au détriment de l'OTAN ne compte pas sur la présence des États-Unis qui, ainsi que la Russie et la Chine, est considéré comme une menace pour l'Europe. Cela décrit très bien le contexte placé dans la géopolitique contemporaine et le nouvel sens de rivalité entre les puissances mondiales.

Metodologia

Uma análise acerca da viabilidade do apelo de Macron para uma Europa mais unificada em seus limites no intuito de se proteger de ameaças externas tais como a China, Rússia e a novidade dessa lista, os Estados Unidos, fará sentido unicamente ao tomarmos conhecimento dos agentes e fatos que compõem essa conjuntura geopolítica. Ao compreendermos os fios condutores que nos trazem ao contexto dessa chamada, teceremos um estudo substancial dessa *crise*, nos apropriando do uso da palavra na sua origem latina e seu sentido etimológico mais fiel, segundo o *Dicionário Etimológico: Etimologia e Origem das Palavras*, como um momento de mudança súbita e de tomada de decisões.¹

Aliado a isso, utilizaremos a noção de *política* como instrumento imprescindível de definição de aliados e rivais e ferramenta de planejamento pela busca do poder, também as noções de *estratégia* e *tática* como, respectivamente, a metodologia adotada no percurso para se alcançar os tais objetivos políticos e a disposição utilizada dos recursos para essa finalidade.

Através de uma contextualização geral que abrange as configurações de políticas internas e externas dos Estados Unidos da América à China, e em seguida, contextualizações mais específicas do território europeu, em tempo, serão abordadas também as novas configurações globais e as possibilidades de um futuro marcado pela crise do novo coronavírus (Sars-CoV-2) que se alastrou pelo mundo em 2020 gerando a maior crise econômica em quase um século.

¹ CRISE. In: DICIONÁRIO etimológico: etimologia e origem das palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/crise/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

O 45º presidente dos Estados Unidos da América

Político, personalidade televisiva e empresário, Donald John Trump, nascido no bairro do Queens em Nova Iorque e formado em economia na Escola de Negócios da Universidade da Pensilvânia, a Wharton School, é a atual figura a ocupar o Salão Oval da Casa Branca. Em 1971 herdou o controle da empresa de seu pai, magnata do ramo imobiliário Fred Trump, filho de imigrantes alemães e um exemplo da figura clássica de um *self made man*, que assim como o *American Dream* compõe os elementos do imaginário popular estadunidense e são, portanto, importantes aspectos de sua história.

Popularmente conhecido também como um autodeclarado *self made man* educado em uma instituição Ivy League, a partir de um ponto de vista capitalista Donald Trump é um homem de negócios de sucesso e próspero que fez crescer sua polêmica fortuna. Diversas reportagens investigativas colocam em xeque o discurso do indivíduo exitoso pelas próprias vias e a forma pela qual esse sucesso poderia ter sido obtido, como, por exemplo, por meio da dura expropriação dos trabalhadores sobretudo da construção civil, principal ramo de atuação empresarial do conglomerado *The Trump Organization*.

Entre algumas das possibilidades da procedência da fortuna dos Trump está o caso de empregabilidade de imigrantes ilegais, contraditório ao posicionamento incessante do presidente estadunidense e repetitivamente exposto em sua campanha eleitoral. Uma reportagem do *The Washington Post* no ano de 2017 revelou que, segundo 48 funcionários antigos e atuais, a companhia gerida por Trump, na época, usufruía de mão de obra ilegal. (FAHRENTHOLD; PARTLOW, 2019). Os imigrantes trabalhavam como garçons, empregados, jardineiros e mesmo pedreiros em jornadas de até doze horas por dia sete dias por semana.

Ainda que um indivíduo possa ser considerado, sob uma perspectiva capitalista, um *self made man* gerindo uma empresa envolvida em contradições do tipo e gozando de benefícios fiscais expressivos, o paradoxo dessa identidade é crítico quando

exposto aos fatos apresentados pela extensa reportagem investigativa do *The New York Times*, em 2018. Contradizendo os discursos do magnata a respeito de sua suposta façanha de fazer crescer e multiplicar uma pequena quantidade de dinheiro adquirida por meio de um empréstimo de seu pai. Segundo a investigação que envolveu entrevistas com antigos funcionários de Fred Trump, e milhares de páginas de documentos que descreveriam o funcionamento interno dessas empresas de fachada, o atual presidente recebia anualmente de seu pai em um esquema tributário para evitar impostos, a partir dos 3 anos de idade, 200 mil dólares anuais, o que o elevaria ao status de milionário aos 8 anos. (KESSLER, 2016). Em polêmicas mais antigas a companhia esteve envolvida, entre outras atividades, em formas de expropriação de terra por meio do discurso de “reabilitação urbana, como foi o caso de Trump Village em Coney Island (WEINSTEIN, 2007).

As formações das faces do governo republicano

Donald Trump, desde os tempos de sua campanha eleitoral vitoriosa, em 8 de outubro de 2016, se apoiava em discursos que ameaçavam abalar as estruturas fundamentais das relações dos últimos 60 anos do além-atlântico entre EUA e os países da Europa (BARICHELLA, 2017). Tomaremos em um primeiro exemplo as declarações simpatizantes ao governo russo de Vladimir Putin ao longo da corrida presidencial. Essas declarações se tornariam uma ferida contínua em seu governo imediatamente após o escândalo que se popularizou em torno das informações obtidas por falhas de segurança no sigilo de informações de usuários da rede social *Facebook*, coletadas pela sociedade de publicações estratégicas *Cambridge Analytica*. A sociedade, suspeita de comercializar tais informações para o governo russo que supostamente haveria trabalhado na manipulação desses dados na finalidade de se alterar o resultado dessa eleição em favor do candidato republicano. Trump, por sua vez, negou veemente qualquer envolvimento durante as investigações, mais tarde, porém, reconheceu a possibilidade, mas alegou, no entanto, duvidar da *efetividade na alteração dos resultados das urnas*. (ABRAMSON, 2018).

O artifício dessa intromissão ainda é muito levado em conta quando o assunto é a relação entre Estados Unidos e Rússia e é de suma importância levarmos em conta esse alinhamento entre os governos ao considerarmos que o governo russo é o principal contraponto de influência regional e geograficamente mais próximo à União Europeia. As disputas de influência entre a UE e a Rússia dão coró ao acirramento das diferenças não naturais dos povos, como veremos, no âmbito político, social, cultural e sobretudo econômico a ponto de culminarem em sérios conflitos no cerne de nações detentoras de pontos de vista e vontades divergentes acerca de seus respectivos futuro.

Exemplificando por meio de um conflito de tal natureza podemos mencionar a crise no leste da Ucrânia e o embate em vários níveis entre grupos favoráveis à aproximação com a EU, os chamados *Euromaidans* e grupos favoráveis ao alinhamento com a Rússia e que até mesmo fomentaram e declararam a secessão de regiões no extremo leste como Donetsk. Um conflito violento com simbologia substancial pela localização estratégica ucraniana que sempre se valeu de intermédio entre a influência estadunidense para moderar a influência russa e vice-versa (MIELNICZUK, 2014). Um conflito às portas da União Europeia, que reconhece a paz duradoura de seu território como uma de suas maiores conquistas. Esse feito conferiu à instituição o prêmio Nobel da paz de 2012 concedido em reconhecimento pelas ações a favor da paz, da reconciliação, da democracia e dos direitos humanos na Europa ao longo dos últimos 60 anos.

Contudo, mesmo essa rivalidade russo-ocidental não foge de contradições, inclusive dentro da própria concepção de ocidentalidade, como abordaremos a seguir ao estudarmos o papel da OTAN desde o fim da Guerra Fria.

Outras bandeiras que anunciavam as características de um futuro governo Trump e que suscitavam a desconfiança dos parceiros do outro lado do Atlântico foram os discursos *anti-establishment*. Como um candidato que se oporia então a uma política dita dualista que perdurava (Bushes e Clintons) e que segundo seu discurso, governava para os mesmos interesses de sempre. Essa lógica era embasada por meio do nacionalismo e do exaltar da “*América em primeiro lugar*” e contra as “*nações que se beneficiavam enormemente da ideologia do globalismo às custas dos Estados Unidos através de políticas de tratados e comércio exterior*”. “De início, Trump manifestou-se claramente

contra o livre-comércio na sua forma atual, acusado de empobrecer os trabalhadores americanos e enfraquecer os Estados Unidos enquanto serve aos interesses de uma elite cosmopolita.” (BARICHELLA, 2017, p. 10).

Foram claros e delimitados os aspectos protecionistas viscerais em como Trump conduziria sua política, não por acaso, essa noção de um candidato *outlander*, um intruso na política, autêntico e que não simpatiza com a grande mídia, além de ter forte presença em redes sociais onde esculpe uma imagem de homem acessível e antissistema, sendo esse o grande impulso em sua popularidade, vindo a servir muito bem contra a falta de prestígio do sistema político vigente e a demanda de parte dos cidadãos americanos por uma mudança radical nos paradigmas desse sistema (ENLI, 2017).

Sua vitória contra todas as previsões abalou a comunidade política europeia e despertou a apreensão dos países europeus mais voltados às políticas multilaterais, sobretudo na França o presidente ainda à época, François Hollande afirmou que a vitória de Donald Trump “Inaugurou um período de incerteza” e apelou para uma “Europa unida”.

A materialização dos discursos

Das múltiplas facetas do discurso de Trump, a que mais rapidamente tomou forma prática foi a bandeira do protecionismo. Ao longo da primeira metade de seu mandato, o presidente estadunidense deu início a uma guerra comercial entre seu país e a China. No começo do ano de 2018, foram aplicadas séries de tarifas em painéis solares e máquinas de lavar que somavam US\$ 425 milhões por ano para os Estados Unidos, entre outros bens de origem majoritariamente chinesa. (GILLESPIE, 2018). Nessa mesma onda de tarifas, mais de 1,3 mil produtos oriundos do país asiático foram tarifados. Semanas mais tarde, a China respondeu ao tarifar 128 produtos de origem industrial a animal. (KUO, 2018). Essa guerra comercial, segundo Trump, *é apenas um acerto para uma balança comercial deficitária abusiva*, ainda que para parte de investidores em outros lugares do mundo essas ações tenham outra natureza, como o diretor administrativo e chefe de pesquisa macro da Barclays, Ajay Rajadhyaksha declara: *“parte significativa da*

administração estadunidense está preocupada com as ambições tecnológicas da China” em reportagem à CNBC em outubro de 2018. (TAN, 2018).

Segundo analistas, a primeira e segunda rodada de sobretaxas estadunidenses buscavam respectivamente limitar o avanço de produtos de maior tecnologia chineses e produtos intermediários para comprimir a dimensão chinesa nas cadeias globais de comércio e atrair empresas para os EUA. A China por sua vez como retaliação nas duas rodadas da guerra econômica aplicou sobretaxas a produtos americanos de origem majoritariamente agrícolas, evitando o boicote às mercadorias que poderiam em sua ausência comprometer o avanço da indústria chinesa, como semicondutores, por exemplo.

Em outros gestos de rivalidades geopolíticas, em resposta ao programa chinês de desenvolvimento regional “BRI – Belt and Road Initiative”, os Estados Unidos lançam o “Growth in the Americas”. Este primeiro, a Iniciativa Cinturão e Rota em tradução livre é um acordo assinado e que já em 2019 contava com mais de 100 países signatários da África, Ásia e Europa, prevendo investimentos chineses em áreas estratégicas de infraestrutura (Figura 1). Esses países, em contrapartida, tornar-se-ão mais amistosos economicamente para com seus investidores chineses, como, por exemplo, beneficiando-se com a isenção de impostos de exportação e importação, por consequência do cultivo dessa região a China caminha (ou ao menos almeja) para se tornar um bloco geopolítico ainda mais amplo e de maior dimensão. Nessa nova rota da seda circularão produtos como matérias-primas, eletrônicos e bens diversos por meio de trajetos terrestres (cinturões) e marítimas (rota). (OECD, 2018).

Por meio do BRI, a China encontra um caminho eficiente de exportação para seus produtos em mercados lucrativos. Alguns críticos, no entanto, acreditam que nos países signatários do projeto o BRI conceda a empresas chinesas acesso total e irrestrito a mercados e suas economias, mas sem reciprocidade, uma vez que o próprio mercado interno chinês permanece muito fechado aos investimentos estrangeiros. Quanto a esse aspecto, o presidente da Comissão Europeia, Jean Claude Juncker, enfatizou que as companhias europeias deveriam encontrar no mercado chinês o mesmo grau de abertura que o mercado chinês encontra na Europa. Esse ponto também é reforçado por Macron e

pela chanceler alemã Angela Merkel, se dirigindo aos estados europeus que pretendem fazer parte do projeto chinês, aconselhando-os que os façam de maneira mais recíproca do que tem sido feita. Além dessa perspectiva, as considerações também vão de encontro com as preocupações referentes ao endividamento que o projeto pode acarretar para esses países. (BINDI, 2019).

O programa estadunidense, “América Cresce” (Growth in The Americas, no inglês) prevê algo parecido, isto é, o investimento nas áreas de infraestruturas como o setor energético, antes o único contemplado, mas mais recentemente reformulado e abrangendo agora também estradas e telecomunicações. A iniciativa busca, segundo o Departamento de Estado Americano encarregado pelo projeto, angariar investimentos do ramo no setor privado, por intermédio do próprio setor privado norte-americano. Para além das Américas, outras regiões também são alvos de programas do tipo, como a *Asia EDGE Initiative*, com enfoque no setor energético e o *Prosper Africa* com um propósito voltado ao comércio.²

Os programas chineses e estadunidenses que somam cifras de dezenas de bilhões de dólares são mais facilmente compreendidos quando analisamos tanto sob a perspectiva asiática da nação que despontou como maior ameaça aos Estados Unidos vencedores da Guerra Fria e hegemonia absoluta e inquestionável desde então. Crescendo em um patamar de 6% ao ano aproximadamente, taxa mais baixa dos últimos 30 anos, a China encontra em seu programa uma tentativa também de realavancar sua economia e despontar como um bloco capaz de disputar a hegemonia global nos anos que seguirão.

Figura 1 – Área de atuação do programa chinês dentro do continente euro-asiático e africano

² USA. U.S. Department of State. *Growth in the Americas*. Disponível em: <https://www.state.gov/growth-in-the-americas/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

A nova rota da seda chinesa

Projetos subordinados à "Belt and Road Initiative"

- Cinturão Econômico da Rota da Seda
- Nova Rota da Seda Marítima
- Gasodutos
- Oleodutos
- Ferrovias existentes
- Ferrovias planejadas
- Corredores econômicos planejados
- Portos com participação chinesa
- Portos com participação chinesa planejados ou em construção
- Membros do Banco de Investimentos para Infraestrutura Asiática (AIIB)



Fonte: Reuters

Por meio de conflitos econômicos declarados, os Estados Unidos realizam esforços para frear o avanço dos tentáculos de influência dos asiáticos em algumas regiões de implementação do Cinturão e Rota, isto é, a guerra comercial para conter o desenvolvimento chinês. Além disso, os Estados Unidos bloqueiam cada vez mais veemente, aquisições e fusões chinesas em seu território, sobretudo em setores estratégicos como energético e de tecnologia de ponta por intermédio de órgãos internos como o CFIUS, comitê responsável por analisar investimentos estrangeiros no território estadunidense.

A China desponta atualmente como a principal potência em vias de ascensão capaz de confrontar os Estados Unidos, Alain Peyrefitte em sua obra de 1996 “La Chine s’est éveillée” (A China Despertou) analisa o grande impulso econômico chinês a partir de 1978 em decorrência de sua transformação expressa, segundo Deng Xiaoping, em “Um Estado, dois sistemas”, por meio de reformas que dariam as feições do conhecido “socialismo de mercado chinês”. (PEYREFITTE, 2014).

Essas séries de sobretaxas não tardaram a chegar na União Europeia, no fim de maio de 2018 Trump anunciou tarifas de 25% a 10% sobre o aço e o alumínio europeus, respectivamente, arrastando para baixo ações de siderúrgicas como a CSN e a Gerdau. Uma manobra que se acredita ter cunho fortemente eleitoral, visando a retomada do

crescimento de empregos na siderurgia nos quatro Estados entre eles Ohio e Missouri, dos chamados “Rust Belt” (cinturão da ferrugem em tradução simples), que apoiaram fortemente a eleição do presidente.

Posteriormente no mês de junho, Trump ameaçou dar continuidade aos pacotes de tarifa cogitando aumentar em 25% o custo das importações de carros europeus, a União Europeia reagiu, ameaçando uma retaliação de 300 milhões de euros anuais em mercadorias estadunidenses, o que provavelmente estabilizou as ofensivas econômicas de modo que nenhuma das duas ameaças se concretizassem. (RAPPEPORT, 2018). No entanto, o clima de acirramento de rivalidades está posto e o contexto trazido à luz dos fatos.

Essa não foi a primeira vez no século que os Estados Unidos impõem tarifas sobre o aço europeu, em 2002 o então presidente George W. Bush anunciou tarifas de 8 a 30% na tentativa de salvar a siderurgia nacional (HO, 2003), não obtendo sucesso em sua empreitada, precisou recuar 18 meses após as tarifas entrarem em vigor, não cumprindo sua meta inicial de 3 anos. (HO, 2003, p. 825; PALMER, 2018). Esses conflitos de ordem econômica desenharam um quadro de reorganização de relações governamentais, e é nesse atrito entre nações centrais europeias e os Estados Unidos que se desenvolve uma percepção de um novo elemento o qual se é necessário cuidado, a visão de que há um centro de poder e influência desvincilhado às relações antes estáveis e que pode muito bem desempenhar um desafio por meio do contrabalanço de influência geopolítica.

Nesse embate evidenciam-se até aliados históricos que se tornam potenciais rivais e entram no curso da guerra comercial do protecionismo estadunidense. Esse comportamento isolacionista da geopolítica trumpista contraditoriamente contrasta com a política de defesa da ordem liberal e do multilateralismo comercial adotado pelos chineses, que assim como os europeus, entendem o papel que o comércio desempenha na segurança global e na contenção de conflitos. A região da Eurásia compreende também o momento propício para aumentar a dinâmica comercial entre si, gerando movimentações diversas no xadrez geopolítico como poderemos observar.

A Europa entre os Estados Unidos e a China

É natural refletir que a postura economicamente agressiva e protecionista dos norte-americanos acabe aos poucos por deixar os europeus à deriva, e até mesmo a se questionarem se a presença da China e até de certo ponto também a presença russa é uma ameaça ou uma alternativa. Contudo, como veremos adiante, a União Europeia não é necessariamente a união da Europa, sendo os estados que a compõe muito divergentes em seus discursos e suas noções de alianças e rivalidades.

Fundado em 2012, o atual 17+1 ou China-CEE (Cooperation Between China and Central and Eastern European Countries) consiste em encontros anuais de 17 países que compõe a Europa dos Balcãs, o leste europeu e a China no intuito de promover negócios relacionados ao mencionado BRI. Neste pacote de benefícios econômicos de infraestrutura como no setor energético, ferrovias, pontes, estradas e etc., o país asiático em troca gozará de apoio em áreas de interesses estratégicos para Pequim.

Essa iniciativa contrasta com posições frequentemente adotadas pela União Europeia que permanece encarando a China como um “rival sistêmico” em suas narrativas e suas moções críticas. Entretanto, algumas dessas moções direcionadas a Pequim foram recentemente vetadas pela Hungria do ultranacionalista Viktor Orbán e, em 2017, pela Grécia que, cujo único voto contrário inviabilizou um comunicado da União Europeia no Conselho das Nações Unidas para os Direitos Humanos em Genebra pela primeira vez na história. (EMMOTT; KOUTANTOU, 2017). Ali a UE encontraria espaço para direcionar a atenção da comunidade internacional para uma realidade em que, segundo o órgão, haveria violações dos direitos humanos na China. Nestes encontros, a União pode por três vezes ao ano promover o avanço dos direitos humanos em lugares onde supostamente ocorram violações desses direitos ao redor do globo.

Seja por alinhamento estadunidense ou convicção própria, Bruxelas permanece muito refratária à aproximação chinesa, acusando-a de “Cavalo de Troia”, com interesses óbvios por trás da expansão de investimentos na região. Descartando a possibilidade de um discurso politicamente neutro, o que inexistente não apenas na geopolítica como na política como um todo, é forçoso refletir que as quantias exorbitantes

de investimentos estadunidenses na Europa durante toda a história mais recente não tenham motivações muito diferentes das chinesas, ainda que Bruxelas adote discursos variados para tratar das diferentes origens de investimentos.

Possivelmente não se trata de mudança de como os povos europeus concebem seus colegas do outro lado do atlântico que se pode permitir supor sua aproximação com a China, mas, também, a partir do avanço dos próprios asiáticos. Consciente de quão dificultoso para investimentos os Estados Unidos têm se tornando para a nação dirigida por Xi Jinping em contexto de uma guerra comercial, esta acaba por voltar quantias vultuosas para mercados atualmente menos hostis, como o da Europa. Portanto, o acirramento das rivalidades empurra Pequim, por sua vez, a redirecionar investimentos sobretudo para o mercado europeu. Ainda que a Casa Branca acredite que as diferenças de origem políticas e culturais entre a UE e a China poderiam inviabilizar ou minimizar consideravelmente esse efeito colateral de sua política econômica, o avanço chinês na Europa já é sentido no Leste como observamos.

Não por acaso, no ano de 2019 a União Europeia adotou um mecanismo que permite à Comissão Europeia pronunciar-se em caso os quais investimentos estrangeiros possam apresentar riscos à “ordem pública” ou segurança dos Estados-Membros, que poderão por si só criar seus próprios mecanismos de análise, e conservando sempre a decisão final acerca da aceitação ou não do investimento em seu território;

Este novo quadro ajudará a Europa a defender os seus interesses estratégicos. Precisamos controlar as aquisições por parte das empresas estrangeiras que visam ativos estratégicos europeus. Quero que a Europa permaneça aberta às empresas, mas, não me canso de repetir, não somos ingênuos. A adoção e a entrada em vigor desta proposta num período de tempo quase recorde são reveladores da nossa seriedade e da nossa determinação quando se trata de defender os interesses da Europa. – Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia em discurso. (EUROPEAN COMMISSION, 2020b).

Neste estudo, a análise do contexto econômico os quais se inserem os personagens se apresenta como essencial para uma melhor abordagem das configurações militares que serão abordadas.

Já no oeste Europeu as relações geopolíticas entre os países centrais do bloco e os americanos encontram divergências também nas perspectivas militares e de segurança do continente.

A OTAN

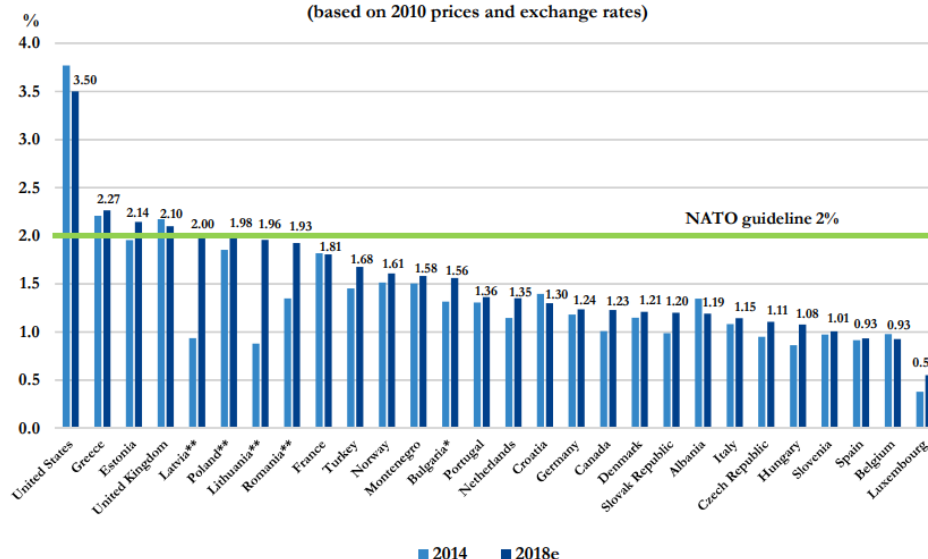
O conceito trazido por Macron acerca da necessidade de uma armada exclusivamente europeia sem a presença dos Estados Unidos, colocou um novo elemento da geopolítica regional em evidência, onde os estadunidenses agora configuram como um possível desafio da civilização europeia depois de mais de meio século de alinhamento econômico e militar. Ainda que com desacordos pontuais nas formas de reger as políticas econômicas externas, é talvez no desejo de uma alternativa à OTAN que se possa observar um novo rearranjo nas noções de aliados e rivais nas condutas dos Estados e atentando para a possibilidade ainda que velada de uma obsolescência ou não dos discursos dos princípios e das feições da Organização do Tratado do Atlântico Norte, ou, pelo menos, uma menor importância ou desejo de submeter-se de alguns estados europeus.

A Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma aliança militar fundamentada como o nome sugere, no Tratado do Atlântico Norte, assinado em 1949. É um sistema de defesa composta por uma aliança militar entre diversos governos, somando 29 países no ano de 2018. Possuem a premissa de que se um país-membro é atacado, o art. 5º requer auxílio dos demais membros no princípio de que um ataque a um membro é um ataque a todos os integrantes. A Aliança esteve presente em conflitos ao redor do mundo, como a Guerra do Afeganistão iniciada em retaliação após os ataques ao WTC em 2001 e principalmente no conflito ocorrido na dissolução da Iugoslávia (1992-1995) o qual abordaremos em breve. No que diz respeito ao seu orçamento, é recomendado pelo Tratado que anualmente os países-membros invistam 2% de seu Produto Interno Bruto na iniciativa militar.

Figura 2 – Gráfico de gastos com relação ao PIB dos países-membros e suas contribuições comparadas entre 2014 e 2018.

Graph 3 : Defence expenditure as a share of GDP (%)

(based on 2010 prices and exchange rates)



Notes: Figures for 2018 are estimates.

* Defence expenditure does not include pensions.

** With regard to 2018, these countries have either national laws or political agreements which call for at least 2% of GDP to be spent on defence annually, consequently these estimates are expected to change accordingly.

Fonte: OTAN

Contando com apenas 5 membros atualmente cumprindo o objetivo dos 2% anuais, os países abaixo da meta reafirmaram em uma reunião da cúpula em 2014, o compromisso de ampliarem seus gastos com a aliança. Algumas baixas cifras de governos membros se justificam no entanto, no fato de que alguns países não possuem exércitos grandes o bastante para absorver grandes investimentos em fundos militares, como é o caso da Islândia que nem mesmo possui um exército próprio e investe apenas 0,1% de seu PIB em forças de defesa. (KOTTASOVA, 2017). A contribuição total dos países-membros no ano de 2017 foi de aproximadamente 920 bilhões de euros, e a arrecadação por meio de doações de civis girou em torno de 230 milhões, usado sobretudo na manutenção dos quartéis-generais na Bélgica e suas funções administrativas.

Esse baixo índice de porcentagem em fundos de contribuição gerou mais indisposições diplomáticas, dessa vez entre o maior financiador da aliança, os Estados Unidos para com a Alemanha, em 2017, quando o presidente da nação estadunidense articulou sobre uma pendência alemã para com o orçamento da aliança. Em réplica às insinuações, a ministra de defesa alemã na época Ursula von der Leyen se pronunciou a

respeito, afirmando que os fundos em questão são realizados também por meio de gastos com missões de paz europeias e na luta contra o Estado Islâmico. (MCKIRDY, 2020).

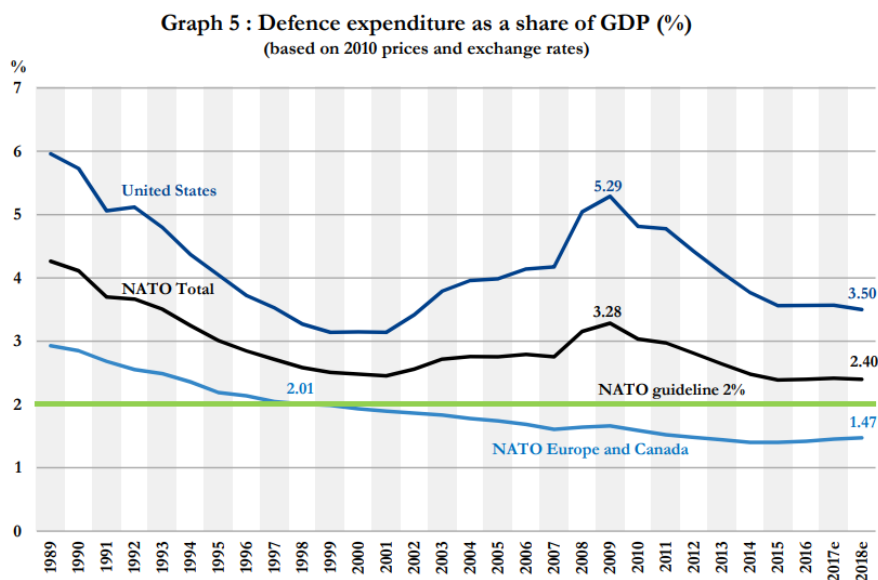
A referida ministra foi eleita em julho de 2019 presidente da Comissão Europeia e se torna peça-chave no caminho da formação da referida armada exclusivamente europeia. Em suas primeiras ações fez questão de reforçar o intuito de manter boas relações com o Primeiro-Ministro inglês Boris Johnson também eleito em 2019 após a renúncia de Theresa May diante de todas as dificuldades de proceder politicamente com o Brexit, isto é, com a saída do Reino Unido da União Europeia. Ursula von der Leyen realiza também o esforço para se alinhar posições com os chefes de Estados mais influentes do Conselho Europeu, trazendo em seus discursos a necessidade de se combater as mudanças climáticas, o que corrobora com os discursos e prioridades de Emmanuel Macron. (SILVA, 2019).

A narrativa de Trump de que os gastos dos Estados-membros da OTAN são injustos quando comparados aos realizados pelos Estados Unidos voltou ao cenário geopolítico no ano de 2018, quando em resposta à fala de Macron em defesa de uma armada europeia, o presidente estadunidense ressaltou o que chama de “dívida europeia” na aliança, ainda que no Tratado, o não cumprimento da meta não tome o caráter de uma.

O presidente Macron da França sugeriu que a Europa construísse seu próprio exército para se proteger dos Estados Unidos, da Rússia e da China. Muito ofensivo, no entanto a Europa deve primeiro pagar sua parte justa na OTAN, a qual os Estados Unidos subsidiam com louvor. – Donald Trump em sua conta no Twitter em 2018.

Dado os elementos de um novo contexto e rearranjos do quadro geopolítico tenso dos últimos dois anos entre Estados Unidos e Europa e ainda que não somente esta, mas sendo ela principalmente a que nos convém analisar, ficam evidentes as motivações da chamada do presidente francês para uma Europa mais unida, sobretudo mais centrada em seus interesses.

Figura 3 – Gráfico de despesa como parte do PIB



Fonte: OTAN

Para tanto também se faz necessária a análise do espaço invocado, considerando como um fator chave para a continuidade de qualquer projeto intergovernamental uma mesma visão de mundo, uma mesma concepção de valores, sejam eles políticos ou econômicos, da mesma forma como o ocidente já partilhou em um esforço que perdurou por toda a Guerra Fria por meio das mesmas prioridades e dos mesmos inimigos. E ainda que tudo isso por meio de duros termos e criminalização de simpatizantes das demais vertentes ideológicas em nome de uma segurança nacional (PRICE, 1998), foram os caminhos trilhados pelos Estados na época. Contudo fora desse contexto e através do tempo, a civilização europeia pode não ser ou não permanecer tão homogênea quanto soam as narrativas e os apelos.

A geopolítica clássica e a estratégia estadunidense

Zbigniew Brzezinski, estrategista e conselheiro sobre segurança nacional no governo Jimmy Carter (1977-1981), foi um dos grandes nomes da geopolítica estadunidense na Guerra Fria. Polonês, um “*foreign-born scholar*”, assim como quem sucedeu, o alemão Henry A. Kissinger. Brzezinski e o Secretário de Estado na época,

Cyrus Vance, possuíam rivalidades intransponíveis que aparentemente em decorrência delas faria renunciar mais tarde o Secretário. Tais discordâncias consistiam na desaprovação da política externa trazida dos tempos de Nixon e Kissinger que possibilitava concessões a Moscou através da ideia de um balanceamento de poderes entre os Estados Unidos, a China e a União Soviética. O conselheiro por sua vez defendia um deterioramento estratégico dos laços estadunidenses e soviéticos e a aproximação com a China, sobretudo após o rompimento desta com a URSS.

Em seu livro, *O Grande Tabuleiro de Xadrez*, Brzezinski (1997, p. 67) aponta o grande interesse estadunidense no controle estratégico do que chamamos de “Eurásia”, isto é, de Portugal até o extremo leste da China. Segundo ele, são vários fatores que elevam a região à primazia dos interesses estadunidenses; ali se espalham todas as nações nucleares do planeta exceto os próprios Estados Unidos, massivos recursos energéticos e o fato de que uma eventual coesão do enorme bloco euroasiático poderia permitir o surgimento de uma potência a suplantará seus concorrentes do continente ao lado.

A fundamentação do autor é respaldada na geopolítica clássica de Halford John Mackinder (1942), contida em sua obra *Democratic Ideals and Reality* (1919) ao trazer o postulado de uma região designada zona pivô, chamada *Heartland*, grosso modo localizada na atual Rússia. Os arredores dessa zona serão conhecidos como “crescente marginal interior”, representados pelas margens meridionais, leste e oeste em contato direto com o mar, a exemplo da Itália, dos Balcãs, Grécia, Índia, China, Golfo pérsico, a Península Ibérica e etc. Em sua teoria, os expressivos arquipélagos dos limites da crescente como o Japão e a Grã-Bretanha levam o nome de “arquipélagos do exterior”. Nessa ordem, ao redor dos arquipélagos, da crescente e do *Heartland*, encontram-se as “grandes ilhas” que formam por sua vez o “crescente insular exterior”, são elas a América, a África, a Austrália e a Indonésia.

Mackinder alerta para as possibilidades de expansão do centro do *Heartland* para o crescente marginal interior periférico por meio da implementação de expressivas vias de locomoção como a férrea e a rodoviária. O geopolítico receia na invencibilidade que tal bloco disporia, uma vez coesa essa extensa faixa de terras, e é nesse sentido que a

OTAN representa uma aliança entre o crescente insular exterior e o crescente marginal interior, a fim de impossibilitar o surgimento de tamanha potência.

Dentro das possibilidades de unificação continental, Mackinder alertava para a que considerava a mais nociva: a aliança russo-germânica. Nesse sentido, o leste europeu funciona como uma região-tampão entre essas duas unidades que não mais poderiam se unificar por intermédio das armas e que exercem papel importante estratégico na *Doutrina de Contenção* de Mackinder. Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial ele reavaliaria seu conceito de Heartland, deslocando essa zona pivô mais a oeste, na região da extinta URSS. Observa-se já nas teorias mais clássicas o valor estratégico dos Balcãs, não necessariamente pela representação da potência dos países balcânicos, mas sobretudo pelo fato da localidade lhes conferir um papel-chave como de via de acesso para outras localidades de interesses diversos.

Ainda nessa lógica, é forçoso constatar que a política externa dos Estados Unidos considera as saídas para o mar como condição *sine qua non* para o domínio eurasiático, baseando-se sobretudo na fundamentação geopolítica clássica de Nicholas Spykman, mais especificamente abordada em sua obra *The Geography of Peace* (1944). Ali, o estadunidense aponta para o que chama de *Rimland* como correspondente do *Heartland*, este estaria localizado por sua vez nas faixas de terra que antecederem o encontro com os mares (crescente marginal interior de Mackinder). Sem dispor dessas regiões, qualquer conquista geopolítica mundial absoluta seria sempre teórica. Explica-se a partir daí o propósito dos vultuosos esforços anglo-saxões para conter o aprofundamento da influência russa na região e eventuais capacidades de saídas para o mar.

A geopolítica de Spykman alçou as bases da política de contenção dos EUA por meio dos escritos de Kennan, embaixador estadunidense em Moscou e autor do “*The Long Telegram*” (o longo telegrama). Na época o governo de seu país perguntou por quais razões a URSS se opunha à criação do FMI e do Banco Mundial. (BULMER-THOMAS, 2018, p. 146). Em resposta, ele redigiria também sobre os métodos de Moscou, detalhados em um artigo que levou o nome de “As fontes da conduta soviética”, o qual assinou com o pseudônimo de X, em razão do cargo específico que ocupava. Nesse documento Kennan

conclui que “O principal elemento de qualquer política dos Estados Unidos em relação à União Soviética deve ser o de uma contenção de longo prazo, paciente, mas firme e vigilante, das tendências expansivas russas”.³

As noções da *Doutrina da Contenção* formuladas nesse documento e que mais tarde permeariam a geopolítica estadunidense são detentoras de grande parte do ônus da vitória estadunidense no conflito, viabilizada por meio do desgaste militar, político e sobretudo econômico infringido a Moscou (CARMONA, 2013).

O Tratado do Atlântico Norte, nas disposições da Guerra Fria e após, tornar-se-á a ferramenta principal que resguardará o *Rimland*, isolando e neutralizando assim as pretensões soviéticas e neutralizará futuras aspirações russas naquele território. Dentro do contexto ainda, a URSS tentaria encontrar na expansão de sua presença à África, a América Latina e Ásia, alicerces para enfraquecer o ímpeto das potências marítimas das ilhas exteriores, fragilizando assim a coesão do *Rimland*.

Em 11 de maio de 1978 o general francês Pierre-Marie Gallois, idealizador da dissuasão nuclear francesa, reafirma a estratégia estadunidense em discurso para a Escola Nacional Superior de Guerra, “Vê-se que o Tratado do Atlântico Norte, para essa vertente do ‘grande continente’, responde às preocupações de Spykman, cujas duas principais obras foram publicadas em 1942 e em 1944”.⁴

A OTAN após a Guerra Fria e a noção contraditória de ocidente

As primeiras intervenções militares da OTAN ocorreram na Bósnia subsequentemente à queda do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria. É oportuno ressaltar que esse contexto envolveu grande agitação dentro do xadrez geopolítico global e uma nítida aproximação entre os Estados Unidos e os países integrantes do extinto Pacto de

³ HARRY S. TRUMAN PRESIDENTIAL LIBRARY AND MUSEUM (Independence, MO). *Telegram, George Kennan to James Byrnes “Long Telegram” February 22, 1946*. Disponível em: <https://www.trumanlibrary.gov/library/research-files/telegram-george-kennan-james-byrnes-long-telegram?documentid=NA&pagenumber=1>. Acesso em: 15 abr. 2020.

⁴ GALLOIS, P.-M. “Geografia, geopolítica e potências do mar e da terra”, seminário da Escola Nacional Superior de Guerra, 11 de maio de 1978”.

Varsóvia, ou bloco do leste. Dentro dessa lógica, mas não somente, os EUA agiam no intuito de bloquear a vencida Rússia, de estreitar laços com países na região.

A região balcânica sempre atraiu olhares de elementos centrais do tabuleiro geopolítico por seu potencial de contenção expansionista tanto para leste como para oeste. Logo as tensões locais são, para François Thual (1999), recipientes de conflitos instrumentalizados pelas potências que disputam aumentar ou conter o avanço de influências uma das outras no território. Ali a atuação da organização do Atlântico Norte está inserida nessa lógica quando da análise de dois momentos específicos, na Bósnia em 1992-1995 no contexto da dissolução da ex-Iugoslávia e mais tarde nos bombardeios na Sérvia sob o pretexto de cessar os “crimes contra a humanidade” nunca oficialmente comprovados e supostamente cometidos pelo governo pró-russo de Slobodan Milošević.

Em nome do ocidente e a fim de enfraquecer o regime servo-iugoslavo, no começo das agitações separatistas de 1991 o ocidente (isto é, a EU e os EUA) tratam de reconhecer a independência de países como a Croácia e a Eslovênia e a subsequente expulsão dos sérvios desses lugares, agora militarmente armados por países como Alemanha ainda que em contrapartida de resoluções na ONU sobre sanções referentes à proibição de vendas de armamentos para o lado sérvio tenham sido aprovadas.

Durante essa sucessão de eventos, em 1994 destaca-se o forte apoio dos Estados Unidos para que os Europeus reconheçam a partição da futura Bósnia-Herzegovina. Contraditoriamente, a Bósnia, ainda que não em seus primórdios, mas mais tarde de maioria muçulmana, abrigava partidos (como o SDA do presidente bósnio Izetbegović) e ativistas políticos organizados e fundamentados na ideologia islamista para a islamização dos Balcãs. Em sua obra intitulada “Islam entre l’Est et L’Ouest (Islã entre o leste e o oeste), o aliado estadunidense escrevia em suma, ser impossível a coexistência do Islã com outras religiões no mesmo Estado, salvo como um expediente a curto prazo. Isto significaria em outros termos a expansão inevitável dessa religião na Europa por meio do proselitismo religioso apoiado em altíssimas taxas de natalidade que no decorrer dos anos reverterem estatísticas de minoria e os tornariam organizados politicamente para defender seus interesses.

Para Jean-Claude Barreau em sua obra “*De l’Islam en général et du monde moderne en particulier*” o caráter conquistador do islã o torna uma questão geopolítica crítica, para ele, “Os muçulmanos têm dificuldade em viver numa sociedade em que são minorias”. Soheib Bencheikh, mufti de Marselha, complementa sobre que pensa o Islã haver “(...) desenvolvido sempre uma teologia para uma religião majoritária”. Essas características seriam exemplos do potencial inflamável gerador de conflitos a exemplo do Paquistão, Kosovo, Bósnia, Chipre, Chechênia, Caxemira, Macedônia, na Trácia grega, nas ilhas Mindanao nas Filipinas ou no Daguestão, ao mesmo tempo em que outros povos não muçulmanos de forma geral coexistem bem com os muçulmanos a exemplo do Líbano, do Iraque, do Cazaquistão com mais de 40% de cristãos, da ex-Iugoslávia, entre outros (DEL VALLE, 2003, p. 47).

A respeito dos motivos diversos ocultos pelos quais conflitos são iniciados ou instrumentalizados, a questão identitária é fundamental e funciona como um eficaz propulsor ideológico que justifica conflitos de poder ao redor do mundo desde épocas imemoriais em nome de sua identidade, visão de mundo, religiosidade e etc. A realidade da disposição humana de afirmar seu pertencimento civilizacional é um aspecto de pertinente análise, ainda que por meio de outras lentes como o materialismo histórico de Marx e Engels precisem que o podereconômico e material ditam os caminhos da história.

O autoritarismo de Izetbegović islamizaria, no entanto, de forma gradual a sociedade bósnia por meio da exaltação da civilização turco-otomana e islâmica nos manuais escolares, retrocessos na área de casamentos mistos, introdução parcial da Chariá nos tribunais, islamização do exército e da polícia em mais de 90%. Mesmo os aliados croatas que se uniram contra os sérvios amargaram da purificação do território bósnio por forças islâmicas fortalecidas também por *mudjahidines* árabes radicalizados em países como Paquistão, alguns como o tunisiano Mehrez Amduni, supostamente próximo de Osama bin Laden. (BARDOS, 2002).

Sobretudo no segundo capítulo de sua obra “Guerras Contra a Europa”, Alexandre del Valle traz à luz dos fatos as ameaças fundamentais para a Europa, geradas pela expansão islâmica e neo-otomana promovida por Washington organizada por intermédio de grupos como o UCK e os chechenos do Cáucaso. Essa promoção ocorre

também por meio do apoio a nações como a Turquia, país o qual o lobby estadunidense na UE pressiona fortemente pela aceitação desse país em seu âmago, ainda que essa nação sim, de fato, seja inimiga histórica da Europa e por consequência infinitamente menos europeia do que os sérvios ou os russos. Mas como em outros polos de proselitismo islâmico como a Liga Islâmica Mundial com suas raízes na Arábia Saudita e sedes em diversas capitais europeias

(...) o islamismo balcânico, surgido no início dos anos 90 com o desmantelamento da ex-Iugoslávia. A particularidade deste quinto grande foco de islamização reside não somente no fato de que se encontra em pleno coração da Europa a um dia de carro de Paris e a uma hora de avião de Roma, mas que deve essencialmente sua ascensão à estratégia pró-islamista e antiortodoxa do “ocidente”, sobretudo dos Estados Unidos e de seus três aliados privilegiados da Otan: britânicos, alemães e turcos, os quais sempre proporcionaram coalizões, a fim de barrar a estrada dos Balcãs à Rússia e de submeter a turbulenta Sérvia, barreira natural ao expansionismo turco-otomano e germânico assim como à extensão da Otan para o Leste Europeu. (DEL VALLE, 2003, p. 103).

A instrumentalização de redes muçulmanas de guerrilha e milícias para o que atenta para uma “terceirização da guerra” ocorrem, além do exemplo bilionário de ajuda militar para o exército bósnio-muçulmano e aos albaneses de Kosovo por meio de conselhos estratégicos, mas de muitos outros modos. O UCK (Exército de Libertação de Kosovo), grupo paramilitar de natureza terrorista que atuou no sul da Sérvia nos anos 90 promovendo o caos e a morte de centenas de militares sérvios nos momentos críticos da crise também foram apoiados pelo governo do além-atlântico, sem o qual jamais seria uma força determinante na região como fora na época. (COPLEY, 1999, p. 7).

O bombardeio da OTAN na sérvia durante 78 dias foi denominado *Operação Força Aliada* e obteve ostensivamente o apoio do UCK como aliado estratégico que revelaria durante o conflito, posições e alvos sérvios. Majoritariamente orquestrada por pilotos e oficiais estadunidenses, Milošević, nem melhor nem pior do que os extremistas do UCK, mas muito menos favorecido pelas mídias ocidentais, não foi capaz de fazer ecoar seus contrapontos para evitar a intervenção da Aliança.

O fracasso premeditado nas negociações de Rambouillet, as respostas ao terrorismo do UCK e a ineficácia de dispositivos meramente simbólicos como a Missão de Verificação de Kosovo levariam ao, se é que podemos chamar de conflito diante da

disparidade de forças, que arrasou a Sérvia, liquidando sua infraestrutura e arrastando o país para um atraso que perdura após décadas.

Para o oficial americano Ben Works, do SRI, “a geopolítica estadunidense em Kosovo consiste em ajudar Bin Laden. Poder-se-ia mesmo pensar que a política da administração Clinton consistisse em garantir sempre mais terrorismo...”. (COPLEY, 1999). E pelo coronel do exército estadunidense, Harry Summers, que alega que “Na região de Kosovo, os Estados Unidos se comportam como defensores de grupos terroristas ultra fundamentalistas que são, no entanto, nossos inimigos mortais”. (DEL VALLE, 2003).

Ao desestabilizar os Balcãs por meio de conflitos de modo a isolar os russos em um “*new continent*” de encontro com seus interesses, os Estados Unidos por meio do engodo civilizacional de “ocidente”, desestabilizam também a Europa (sendo os Balcãs grande parte deste território) e acentuam o estranhamento civilizacional entre os povos legados dos capetíngios e dos bizantinos de forma a despontar aos olhos do bloco como verdadeiros amigos a lhe estender a mão.

Se tais fatos por si só não deixam claro o preço altíssimo a ser pago pelos europeus da geopolítica “custe o que custar” da contenção ortodoxa, lembremos a médio e longo prazo o surgimento de grupos como a Al-Qaeda. Impulsionados, como vimos, por ajudas militares bilionárias e que mais tarde, após a Guerra do Golfo mais especificamente, viriam voltar-se contra o ocidente por meio de diversas ações, sobretudo atentados terroristas como o 11 de setembro, em 2001, as explosões nos trens de Madri, em 2004, e diversos atentados a embaixadas ocidentais no oriente médio. É difícil crer que por si só, isto é, sem o referido respaldo contra os soviéticos no Afeganistão, o grupo disporia de condições de se organizar e se fortalecer a ponto de dar cabo de atentados que mais parecem roteiros hollywoodianos.

As consequências a médio e longo prazo são sentidas também quando da criação em 2006, do gérmen do que mais tarde seria conhecido como ISIS ou DAESH, isto é, o Estado Islâmico do Iraque e do Levante. Nascido como um braço mais radical da Al-Qaeda e se beneficiando da ausência de poder organizado deixado no Iraque arrasado pela guerra que perdurou de 2003 a 2011. Em 2014, acreditava-se que o grupo controlava

uma área de aproximadamente 100 mil m² de território que abrange mais de 11 milhões de pessoas. (COOK, 2018, p. 7). Os extremistas, declarando guerra aos infiéis, perpetuaram atentados terroristas em 2015 na França, em Bruxelas e Berlim, Nice em 2016 e em Barcelona, Londres e Manchester em 2017, ataques que juntos ceifaram centenas de vidas promovendo terror e insegurança doméstica aos europeus. Além desses exemplos, calcula-se que o grupo tenha realizado mais de 130 ataques fora dos territórios sírios e iraquianos, e mais de 4 mil dentro destes, agravando criticamente sobretudo o conflito sírio que envolve diretamente a Europa como veremos. (COOK, 2018, p. 7).

Sendo o principal membro da OTAN e não coincidentemente seu mais assíduo financiador e símbolo do discurso “ocidental”, em seus propósitos geopolíticos promotor em detrimento da unidade europeia, da criação de focos de tensão e radicalização islâmica a 1 ou 2 horas de voo de Paris, Berlim ou Roma, é forçoso ponderarmos este “ocidente” então como inimigo europeu.

A ausência de uma Europa organizada nos conflitos dos Balcãs, ao menos como um bloco capaz de influenciar no ritmo e nas tomadas de decisões demonstrou mais do que nunca a preponderância estadunidense no continente, sobretudo militarmente, aspecto mais forte da tutela dos norte-americanos sobre a região. Brzezinski em sua obra mencionada há pouco, reafirma a necessidade da presença estadunidense no eixo oriental do continente euroasiático para inviabilizar a coesão desse bloco em si, não obrigatoriamente organizada em instituições como a União Europeia, mas em uma realidade de estados soberanos alinhados, de Portugal à Bering e Shanghai, munidos da capacidade e disposição de desenvolver ali uma defesa continental própria, de modo a tornar a presença da OTAN dispensável e obsoleta a médio prazo.

Se por trás da noção de ocidente, a OTAN contempla a estratégia total americana da “Doutrina de Contenção” do pós-Guerra Fria de modo a atingir o bloco ortodoxo por meio da instabilidade da própria Europa, um projeto militar europeu cumpre, ao menos teoricamente, um objetivo pertinente diante do pouco desenvolvimento de defesa realizado pela integração europeia.

Um projeto militar essencialmente europeu

Poucos meses após a posse de Macron, em 14 de maio de 2017, o presidente eleito realizaria no anfiteatro da Sorbonne o que seria seu primeiro discurso abordando o projeto para o desenvolvimento de uma nova iniciativa de defesa europeia em prol da construção de uma cultura comum e uma iniciativa genuína de países de interesses em comum. (MACRON, 2017). Quando oficializada, em junho de 2018 a iniciativa já contava com as assinaturas de ministros da defesa de países como Dinamarca, Holanda, Portugal, Alemanha, Estônia, Bélgica, França, Espanha e Reino Unido, posteriormente no mesmo ano a Finlândia também se juntaria à coalizão, nesse momento, já tornada operacional de fato. O segundo encontro, realizado na Holanda reuniu os referidos ministros que ali saudariam a entrada da Noruega e da Suécia na cooperação. No mesmo encontro, os representantes oficiais assinaram documentos que, entre outros aspectos, delineavam as condições de integração e métodos de trabalho-comum bem como a definição de que as reuniões entre os representantes militares signatários ocorrerão duas vezes ao ano.

O objetivo dessa iniciativa conforme a carta assinada é que, a partir do começo de 2020, a Europa disponha de uma força integrada de intervenção com orçamento e doutrina de ação comuns, possuindo a eficiência como princípio norteador da cooperação para diversas situações de usufruto militar como em ocorrências de desastres e evacuações de civis. Macron busca nesse caso criar estruturas de ação militar que não sejam derrubadas por burocracias vagarosas, compartilhando uma cultura de defesa estratégica compatível e capaz de funcionar no complemento de órgãos como a OTAN e a OSCE.

Em setembro de 2019 a Itália oficializa o desejo de se juntar à iniciativa em carta assinada pelo ministro da defesa Lorenzo Guerini, em nota, segundo o ministro *“Esta iniciativa nasceu de uma forte vontade política e pretende fortalecer a UE e a OTAN, indispensáveis para garantir a segurança da Europa e dos europeus”*.

A filiação italiana marca o estreitamento dos laços entre Roma e Paris após o fim do governo populista anti-UE do Movimento 5 Estrelas e da Liga, de Matteo Salvini.

Com duração aproximada de 1 ano e 2 meses, o governo ultradireitista de caráter antissemita e *anti-establishment* se apresentava com uma incógnita na região, mais alinhados à administração de Donald Trump e em atritos com Bruxelas, que ameaçava sancionar o país por seus orçamentos expansivos, o país não havia ainda se juntado aos demais signatários. Nas últimas eleições europeias, a derrota do M5S nas urnas marcou o fim da coalizão que já vinha demonstrando sinais de fraqueza.

Fortalecida com a adesão italiana, a Iniciativa agora conta com um aliado posicionado estrategicamente no mediterrâneo, região a qual o governo italiano já afirmou que fornecerá sua vocação nacional específica no setor de defesa da região. (ITALIA, 2019).

A chamada Iniciativa de Intervenção Europeia (EI2), não demanda necessariamente um vínculo com a União Europeia em seu projeto, tornando-o “acessível a quem se interessar”, por exemplo, sendo assim o Reino Unido um parceiro integrante sem nenhum empecilho de origem burocrática que inviabilizasse seu ingresso, o permitindo que continue a trabalhar e a apoiar a cooperação europeia de defesa de maneira efetiva, mesmo depois de deixar a UE.

A iniciativa europeia de intervenção provocou reações de incompreensão, notavelmente em nossos aliados americanos que nos encorajam a tomar parte de nossa parcela na segurança e na defesa da Europa, mas também estão inquietos a ideia de que a Europa possa se desvencilhar dos Estados Unidos num contexto a se perpetuar nos anos que seguirão – François Lecointre, General do Estado-Maior das Forças Armadas (CEMA), em declaração à Assembleia Nacional. (FRANCE, 2018).

A iniciativa repousará em uma espécie de conselho, coordenada por um secretariado permanente instalado pelos representantes oficiais responsáveis dos países-membros. O trabalho de reflexão e consulta entre seus membros consistirá em dois diálogos por ano para deliberar estratégias de caráter militar, um encontro anual entre os diretores das políticas de Defesa e outro evento anual para finalidades ministeriais. O projeto prevê também a cooperação prática em aspectos como previsões estratégicas, cenários de atuação, doutrinas e lições aprendidas e suporte às operações.

Segundo o governo francês, a iniciativa não possuiu critérios específicos para a seleção de seus membros, mas sim uma porção de ideias convergentes cruciais tais como

organizem em torno de uma órgão militar apto a se responsabilizar pela defesa europeia em situações emergenciais com eficácia, compartilhando uma cultura estratégica comum.

As configurações políticas europeias como variáveis para a viabilidade do projeto militar

É fundamental para entendermos as políticas de nossos tempos, tomarmos conhecimento da situação que permeia a integração atual desse espaço e suas relações. Desmond Dinan em seu livro “*A União Europeia em Crise*”, chama o período da virada da primeira década dos anos 2000 de “Era das Crises da EU”, se iniciando na crise monetária que ameaçou e desafiou a maior conquista da União Europeia como um bloco – o Euro, moeda única de um grupo de 19 países entre os 28 membros da União no ano de 2019. Para além da zona do Euro, as dificuldades postas avançaram com a crise imigratória de 2015 (DINAN; NUGENT; PATERSON, 2016). A UE também enfrenta desafios tais como a saída do Reino Unido, seu segundo maior financiador. O “euroceticismo”, (euroskeptic em inglês), segundo o Cambridge Dictionary, expressa a noção crítica e a desconfiança para com relação a União Europeia.⁵ Em tempos de crise a organização social é geralmente posta em questionamento, com a união política e econômica dos Estados europeus não foi diferente.

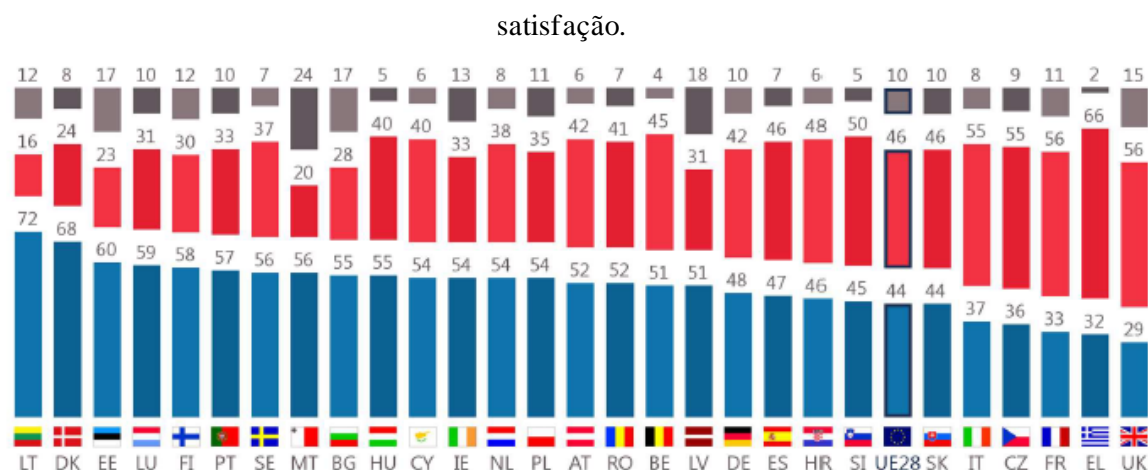
Analisando os últimos anos e os acontecimentos que se deram nesse espaço, observamos crises de variadas origens que se arrastaram e ainda fazem sentir, como a referida crise econômica de 2011 oriunda de altíssimos endividamentos públicos que lançaram os países apelidados como PIIGS (Portugal, Itália, Irlanda, Grécia e Espanha) em uma recessão profunda com taxas de desemprego superiores a 20% (GÓRNIWICZ, 2011). Tida como fruto de uma coordenação financeira falha da União Europeia para o controle das finanças desses países, a política econômica para recuperação dessas economias gravemente danificadas foi a impopular austeridade, porém não sem consequências.

⁵ EUROSCEPTIC. In: CAMBRIDGE dictionary. Cambridge, UK: Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/eurosceptic>. Acesso em: 20 set. 2019.

A imposição de políticas fiscais de austeridade e os consequentes cortes de gastos públicos elevam a animosidade da sociedade com seus governos, assim originou-se o grupo *Aganaktismenoi* na Grécia que encontrou seu correspondente na Espanha com nome de *indignados*, mobilizados por intermédio das redes sociais em nome da causa antiausteridade, pautada no discurso em que a população não se via obrigada a arcar com cortes de investimentos públicos em detrimento da saúde financeira de um sistema e seus credores (FOMINAYA, 2013, p. 220).

A desconfiança grega com a União Europeia atinge números elevados de até 68% da população ser ao menos em pequena parte desfavorável à União Europeia, motivada sobretudo pela gigantesca dívida com a Alemanha que torna o país extremamente submetido aos mandos e desmandos das políticas financeiras de seus credores. Tal situação não poderia gerar menos descontentamento por parte do povo grego, que converte nas urnas sua insatisfação por meio do crescimento de partidos que elevam o tom contra tais políticas, como o Syriza. (ARNETT, 2016). A Espanha possui também altos índices de reprovação para com a União Europeia, onde 46% das pessoas se mostraram desfavoráveis, estando a Itália inclusa juntamente abaixo da média de aprovação ao bloco junto com a França de Macron, contraditoriamente mas que pode explicar em partes a crise de aprovação do presidente francês ou pelo menos uma falta de sincronia de interesses entre o povo francês e seu líder. (WALSH, 2018). (Figura 5).

Figura 5 – Grau de aprovação por parte dos cidadãos para com a UE, onde as colunas cinzas, vermelhas e azuis de cima para baixo respectivamente representam indiferença, insatisfação e



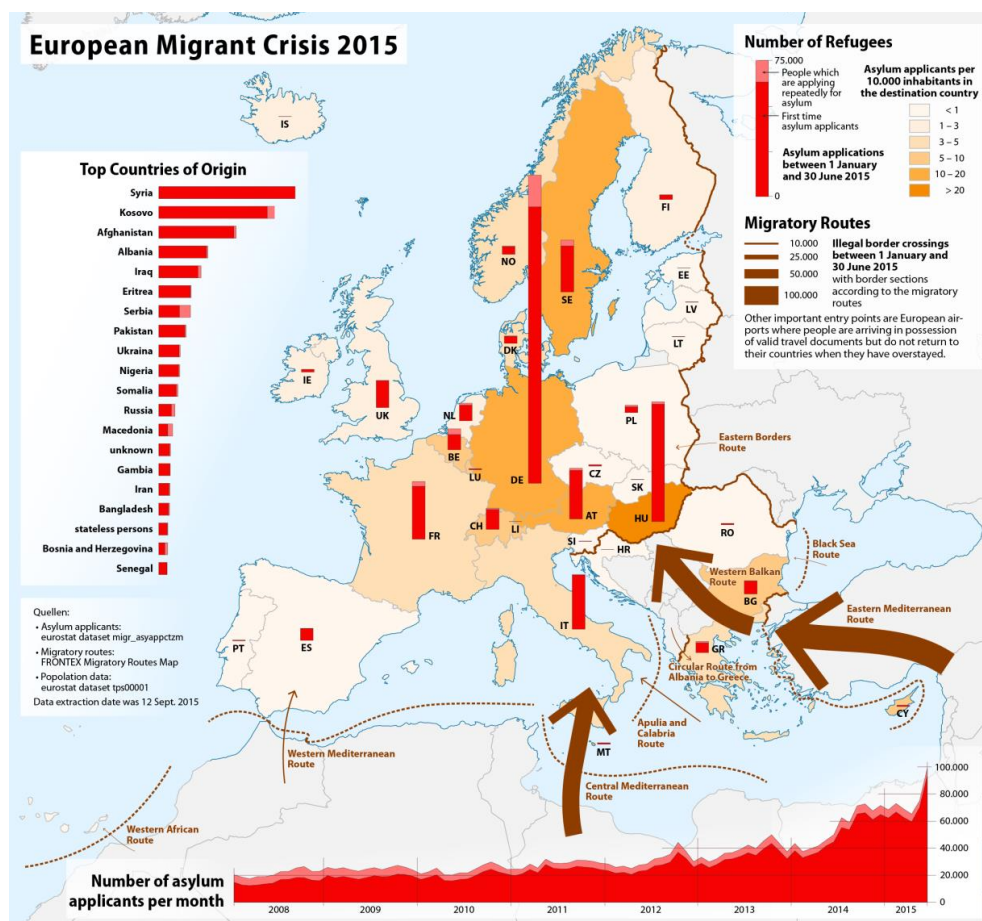
Fonte: Standard Eurobarometer 91 – European Comission Research

Outros países que lideram os baixos índices de contentamento com o bloco, como a Hungria, República Tcheca, Itália e Áustria (figura 5) encaram em suas fronteiras outro paradigma majoritário que os levam a tais cifras; a crise migratória que começa a despontar também no começo da década de 2010 e que diferentemente da crise financeira, se agrava em 2015 e parece não se estabilizar ao menos até o fim dessa mesma década.

Chegados na União Europeia oriundos, sobretudo, da África do norte e subsaariana e do Oriente Médio através do Mediterrâneo e dos Balcãs, a Europa enfrenta uma das maiores crises migratórias desde que se entende por uma civilização. (L'EUROPE, 2015). Desencadeadas pela tensão no Oriente Médio após as consequências do que ficou conhecida como Primavera Árabe e outros eventos agravantes como um vácuo completo de poder no Iraque, os Estados desestabilizados em guerras civis como a Líbia e principalmente a Síria, milhões de cidadãos deixaram seus países para fugir dos horrores da guerra, da fome e do colapso financeiro. No ano de 2013, segundo dados oficiais mais de 435 mil pessoas pediram asilo para o bloco, em 2014 esse número aumentou para 626 mil e em 2015 com o agravamento agudo da crise na Síria, mais de 1 milhão e 300 mil pessoas pediram refúgio na Europa segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Essas cifras assustadoras permeiam também a realidade dos países vizinhos das guerras civis, como Líbano e Turquia que dos mais de

4 milhões de sírios que deixaram o país, receberam respectivamente 27% e 42% desses refugiados.

Figura 6 – Dinâmica do fluxo imigratório para a Europa no ano de 2015



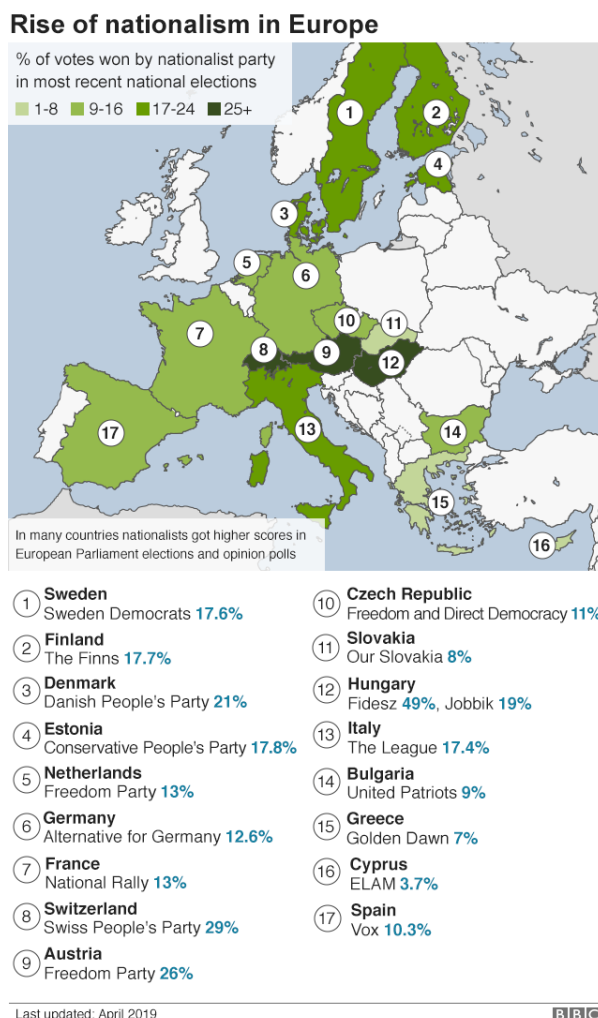
Fonte: Eurostat

As políticas imigratórias dos países europeus que se encontram nas fronteiras dessa dinâmica como a Hungria, República Tcheca, Itália e Áustria mudaram consideravelmente desde o agravamento da crise, em uma tendência de se entender a chegada desse contingente humano como uma ameaça ao modo de vida europeu fundamentalmente cristão. A pressão desses países levou a chanceler alemã Angela Merkel em 2016, com o intuito de para evitar desgastes, reconhecer e abandonar a política de mecanismo de repartição obrigatória desses imigrantes entre os países-membros da União.

Desse modo, o discurso de partidos de direita e extrema-direita vem se adequando às mentalidades das massas e elevando sua participação na política europeia, como, por exemplo, podemos observar no apoio histórico obtido pelo Front National de Marie Le Pen em 2017 na França (FREEDMAN, 2018), o Partido da Liberdade (PVV), de Geert Wilders, se tornando a segunda maior força política na Holanda, na Alemanha o partido Alternativa para Alemanha (AfD) que saltou de 4,7% dos votos para 12,6% em quatro anos. (FREEDMAN, 2017). Viktor Orbán como ministro húngaro pela coalizão Fidesz-MPSZ-KDNP e o FPÖ austríaco que angariou ¼ dos votos e governará em coalizão com os conservadores, na Itália em 2018 o aumento de votos para a extrema-direita da Liga (Figura 7), cenário minimizado mas ainda presente após o fim das eleições de 2019 que pôs fim à coalizão ultradireitista do M5S e da Liga.

A Polônia, por sua vez, ainda que detentora de bons índices de aceitação ao bloco, caminha para o mesmo rumo da guinada à extrema direita; o governo da sexta maior economia da União Europeia reduziu o orçamento para organizações de direitos civis, removeu o auxílio financeiro para tratamentos de reprodução assistida para casais não casados e para mulheres que o buscam individualmente, limitou o acesso ao método contraceptivo da pílula do dia seguinte e eliminou do currículo escolar qualquer possível menção a uma educação sexual. (SAHUQUILLO, 2008; AFP, 2017).

Figura 7 – O crescimento do nacionalismo na Europa nas eleições europeias de 2019



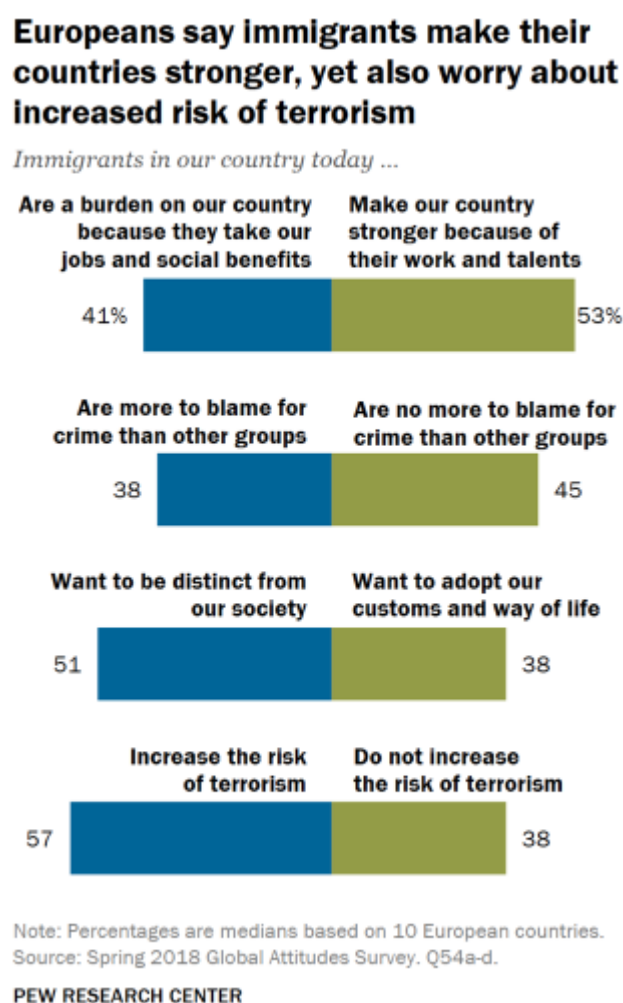
Fonte: BBC

Ainda que cada país possua suas singularidades, as noções de insegurança vinculada aos fluxos migratórios e terrorismo além da incerteza econômica são adequadas a discursos populistas que de modo geral surfam nos anseios civis e alimentam sua ascensão política (STAVRAKAKIS; KATSAMBEKIS; NIKISIANIS; KIOUPKIOLIS; SIOMOS, 2017).

Uma pesquisa realizada pela Pew Research em 2019 entrevistou cidadãos de 10 países-membros da União Europeia, constatando que uma maioria de 57% da população acredita que a presença de imigrantes aumenta o risco de ataques terroristas, 51% dizem que tais imigrantes não possuem vontade de se integrar culturalmente ao estilo

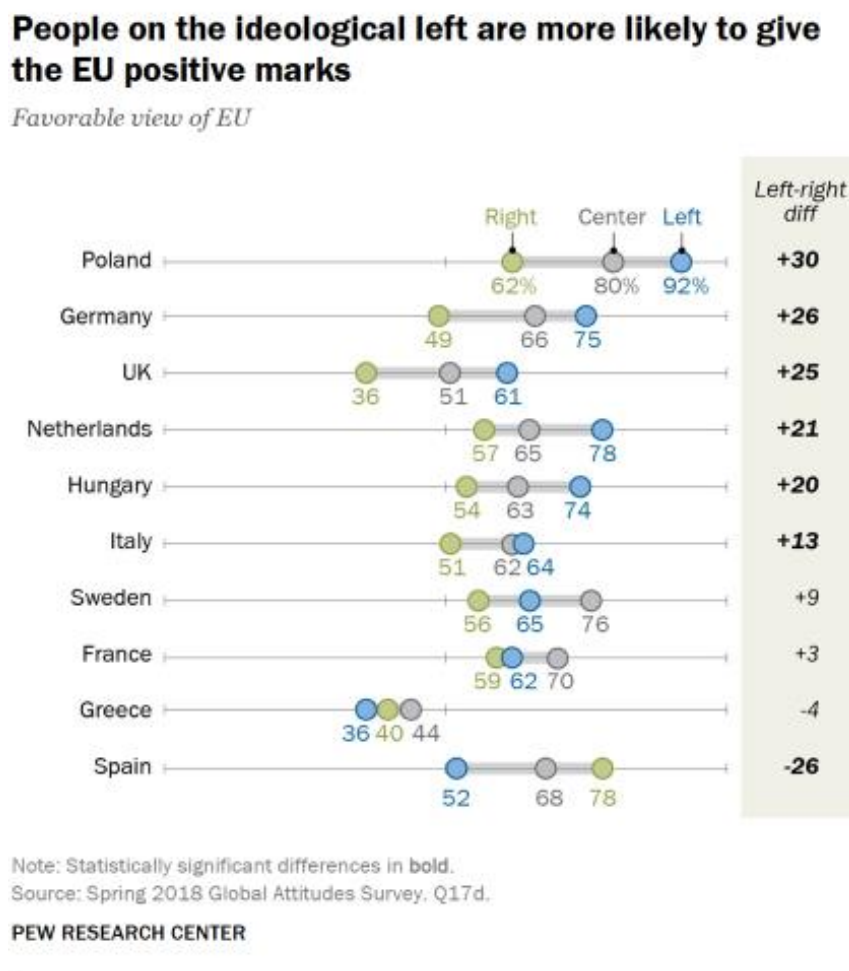
de vida europeu. Por outro lado, uma maioria de 53% contra 41% acredita que a presença de imigrantes torna o país mais forte devido ao trabalho e talentos individuais. (Figura 8).

Figura 8 – Concepção europeia diante de questões tais como imigrações e terrorismo



Outros resultados confirmam as hipóteses trazidas em uma leitura intuitiva de que, de um modo geral, grande parte da força dos discursos anti-UE partem do espectro da direita política, com exceção da Grécia e Espanha, onde observamos justamente o contrário. É importante ressaltar que esses dois países possuem respectivamente 7% e 26% de apoio popular à UE de modo geral (Figura 9).

Figura 9 – Índices de aprovação da UE entre o espectro político da esquerda e da direita europeia

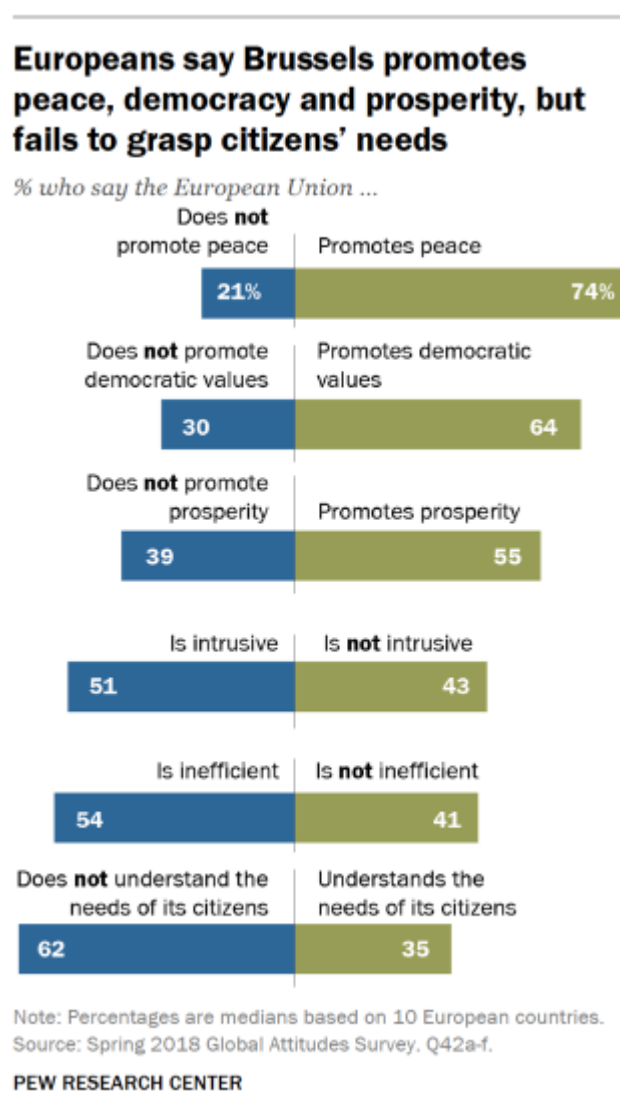


O fato de que em alguns países da Europa central o aumento da força da direita política não tenha sido revertido efetivamente na eleição de representantes, não significa necessariamente que a parte leste europeia siga o mesmo caminho, em realidade os países do leste europeu já demonstram políticas voltadas a preocupações divergentes de seus parceiros ocidentais.

Diante dessa contextualização é sensato tomarmos como fato uma Europa que não é sequer parecida com o monocromatismo dos discursos que assim a pretendem – uma civilização comum com os mesmos interesses e valores. Ela não o é, ainda que de fato a União Europeia tenha logrado bons resultados nos esforços para frear os

nacionalismos e instaurar a paz bem como exaltar os valores da dignidade humana e sobretudo do federalismo (BURGESS, 2002) e que esses resultados encontrem respaldo na opinião popular (Figura 10) os embaraços diplomáticos que testemunhamos hoje não são os primeiros e nem de longe os mais agudos que permeiam sua história em épocas que não convém ao texto, mas que nos serve de reflexão.

Figura 10 – Aspectos positivos e negativos da atuação da EU no ponto de vista de seus cidadãos



O espectro geopolítico europeu em tempos conturbados

Uma iniciativa militar europeia para intervenções em tempos de complexidades que se convertem em variáveis e toma forma de um projeto de viabilidade delicada reforça a efervescência geopolítica dos nossos tempos. É descartável a hipótese de uma eventual substituição à OTAN a curto e médio prazo, a partir sobretudo dos discursos de autoridades oficiais que reiteram enfaticamente o caráter complementar do EI2 bem como a dificuldade que esse intuito face aos estadunidenses que estiveram à frente da OTAN pelos últimos 70 anos por meio de financiamentos de caráter fundamental para a segurança da Europa.

A falta de coesão interna para um projeto militar essencialmente composto pelo bloco em uma Europa cada vez mais plural e cheia de círculos é evidente e uma questão a ser superada. Os países que antes possuíam governos fortemente aliados politicamente com a União Europeia e viram emergir governos mais nacionalistas e eurocéticos ou ao menos não tão dispostos para com o bloco, não se incluíram na Iniciativa por enquanto, como é o caso da Áustria e a Polônia, 8ª e 10ª maiores economias da União Europeia respectivamente.⁶ Para além disso, o alinhamento político e militar com os Estados Unidos por parte de países como a Polônia que almeja uma base estadunidense de nome “Fort Trump” em seu território ao custo de bilhões de dólares, também nos revela que uma parte da Europa parece estar na contramão do discurso estabelecido por seus vizinhos a oeste. (SELIGMAN; GRAMER, 2020).

A Iniciativa, ainda que desvinculada de qualquer obrigação com a União Europeia, pode afetar o bloco europeu como um todo ao considerarmos a eventuais atritos diplomáticos com os Estados Unidos, que enxergam com verdadeira desconfiança o projeto que, segundo o ex-secretário de Defesa dos EUA, James Mattis, poderá acabando por “subtrair recursos ou capacidade da OTAN”.

⁶ INTERNATIONAL MONETARY FUND (Washington, DC). *IMF Datamapper*. Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

Dentro da própria França, o discurso de Macron não parece ecoar com muito respaldo. Baixíssimos índices de aprovação colocam em dúvida a legitimação dessas ideias em seu próprio território. A França passa por período de inquietude interna com a desconfiança aguda para com seu governo por parte do povo, o “movimento dos coletes amarelos” iniciado em novembro de 2018, originalmente vinculado a impostos mais altos sobre combustíveis, viu seu alcance aumentar graças às redes sociais, abordando questões como o custo de vida sobretudo da classe média, um assunto que já era caro aos franceses na primeira metade dos anos 2000 (CHAUVEL, 2006). Mais recentemente, em 2019, o país atravessou outra crise com fortes ondas de protesto para com as reformas na aposentadoria francesa. Greves gerais atravessam o país de Paris à Lyon, paralisando aeroportos, ônibus e outros sistemas nevrálgicos do Estado no que ficou conhecido como séries de protestos dos coletes amarelos.

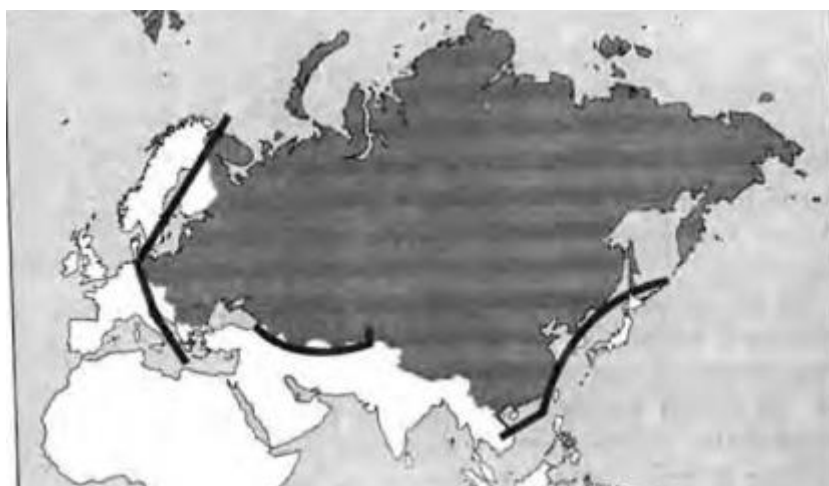
Também na Alemanha, a declaração de Angela Merkel em Berlim em outubro de 2018, no qual a chanceler afirmou que não concorrerá ao que corresponderia a seu quinto mandato em 2021 mostra que o contraste entre o contexto em que a líder que já foi extremamente forte e influente ao manter os países em dívida após a crise econômica concisos em suas medidas de austeridade e o momento atual de desgaste. Desgaste esse sobretudo oriundo dos caminhos trilhados na adoção de políticas de recepção de imigrantes, tida como “permissivas demais” aos olhos de grande parte da população e de partidos de extrema direita crescentes. (ELLYATT, 2018). Com o desprestígio de Macron e a saída certa de Merkel, esses países-símbolo do bloco europeu e das maiores narrativas de uma Europa unida e multilateral colocam em dúvida o lugar que o futuro reservará a essas políticas.

Nós não protegeremos os europeus se não decidirmos de possuir uma armada verdadeiramente europeia frente à Rússia em nossas fronteiras e que se mostrou poder ser uma ameaça. Devemos ter uma Europa que se defenda, sobretudo sozinha, sem depender apenas dos Estados Unidos, e de um modo mais soberano. – Emmanuel Macron em discurso em 6 de novembro de 2018.

Contudo, ainda que seja consideravelmente incerto (porém pertinente) deliberar sobre o respaldo da iniciativa em países-chave como a França e a Alemanha, o momento presente já nos oferece uma boa oportunidade para reflexão. A figura 4,

representada pelos países signatários do projeto contém em si o desenho preciso da própria faixa do Rimland a oeste, como demonstra o mapa a seguir (figura 11). A manutenção da bem-sucedida estratégia isolacionista voltada ao mundo ortodoxo contempla as teorias de Mackinder e Spykman mesmo décadas após o fim da Guerra Fria, mas isso não representa necessariamente que o objetivo das ameaças que se pretende frear são as mesmas da época.

Figura 11 – Região dos *Rimlands* spykianos



Fonte: BRZEZINSKI, 1998, p. 32

A aliança germano-ortodoxa temida por Mackinder hoje já não mais representa a mesma ameaça de outrora. A Alemanha ainda desempenhando um papel fundamental no tripé da economia europeia junto com a França; e a Grã-Bretanha enxerga-se indissimulável na prática ao projeto de domínio estadunidense dispondo em seu território dezenas de bases e tropas estadunidenses, realidade que se estende pelo continente. Uma cultura militar fortemente atrelada aos Estados Unidos parece, portanto, ser a mais provável perspectiva alemã. Por intermédio dos estadunidenses, a Alemanha se militariza sem despertar a desconfiança das chagas passadas nos países vizinhos. A França, por sua vez, almeja uma doutrina militar mais independente na região.

Podemos considerar, atualmente, que uma união com o peso e a preponderância estratégica equivalente à temida por Mackinder em sua época, como uma união sino-ortodoxa ou russa ou até mesmo que envolva a Índia, como, por exemplo, o

que é desenvolvido no contexto do BRICS, sendo uma realidade geograficamente possível entre esses três elementos.

O Rimland central disposto na figura acima sempre esteve no centro de interesses das potências. Lembremos da criação britânica do Paquistão e a instrumentalização de parte da população muçulmana radicalizada separatista da Índia majoritariamente hinduísta. O Paquistão, dotado de capacidade nuclear fornecida pelos aliados, é um dos *buffers states* (estados-tampões) entre a ortodoxia russa e o não alinhamento da Índia sendo outro exemplo da geopolítica de contenção da Guerra Fria (ZIRING, 1987).

A presença estadunidense em outros estados-tampões pode-se fazer literalmente, como no Afeganistão ou como no caso do Irã, única nação da região declaradamente refratária aos Estados Unidos e cuja economia é então extremamente minada e debilitada sobretudo pelas sanções aplicadas pelos norte-americanos. Detentores de um projeto de desenvolvimento próprio, o país foi palco de tensões nas primeiras semanas de 2020 nos episódios que seguiram a morte do principal general iraniano, Qassem Soleimani por um drone MQ-9 Reaper estadunidense, no Iraque.

No leste eurasiático, países como Japão, Taiwan e Coreia do Sul representam os maiores aliados estadunidenses em uma região altamente estratégica em vista do progressivo deslocamento de protagonismo global do oceano Atlântico para o oceano Pacífico. Logra-se a geopolítica de contenção ao longo do globo, obviamente não sem custos e desgastes.

O EI2 não oferece e tampouco busca proporcionar tão cedo uma autonomia completa na segurança europeia em relação a OTAN. A passividade europeia em matéria de desenvolver seus próprios meios de assegurar sua integridade fez com que esta, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, se tornasse extremamente arraigada aos projetos e planos estadunidenses. Sob a tutela norte-americana, o engodo civilizacional que passou a representar o dito ocidente significa sobretudo uma espécie de véu que recobre os interesses exclusivos estadunidenses, exibindo-os ao como conflitos de princípios civilizacionais.

Proclamando-se membros e solidários do “Ocidente”, que eles sabem, no entanto, sob dominação global dos Estados Unidos, os quais têm de alguma forma monopolizado e até usurpado o nome “Ocidente”, que não tem mais nada a ver com sua acepção europeia original, os europeus perdem de certa maneira sua identidade própria e sobretudo o *sentido de seus interesses vitais*. Segundo a definição dada pelo estrategista francês Murawiec da subversão e da “guerra informacional”: “Fazer perder o norte, desorientar”, os europeus perder progressivamente o sentido de sua própria auto-identificação, “perdem o norte” e não conseguem mais se representar a si mesmos (...). “O míssil toma o nome do alvo”, ironiza Arnaud-Aaron Upinsky (DEL VALLE, 2003, p.322).

É forçoso comentar também a contradição que um “conflito civilizacional” significa entre ortodoxos e ocidentais. Há de fato entre esses povos, representações e concepções diferentes de mundo bem como línguas e conjunto étnicos distintos, mas que não são necessariamente extra civilizacionais, isto é, são cisões e rupturas a partir de uma mesma civilização. São, sobretudo, diferentes tradições históricas que os divergem, mas não os tornam mais distintos do que os próprios protestantes muito mais discordantes em aspectos de naturezas diversas. A cisão da cristandade e da ortodoxia é em grande parte de caráter político, como o *primado do papa* e a “querela do *Filioque*”. (BATUT, 1996). Antes da Cisma de 1054 os bizantinos e seus correspondentes a oeste mantinham relações constantes com os carolíngios de Carlos Magno, grande nome da construção histórica do termo “Ocidente” e ator central no agravamento dos conflitos político-teológicos entre oriente e ocidente em favorecimento dos primeiros.

Mesmo o alfabeto cirílico, este fora desenvolvido por cristãos bizantinos (Cirilo e Método) para transcrever a bíblia para as línguas eslavas no século IX (CUBBERLEY, 1996). Designados pelo papa para dessa forma converter a população russa, é mais uma demonstração das raízes históricas coincidentes entre essas civilizações que persistentes conflitos como o de Kosovo insistem em distanciar.

Para se fortalecer e retomar a expressividade política capaz de tratar de igual para igual com as principais potências no globo, os europeus precisarão dar cabo de um projeto continental e abrangente. Nesse sentido a Iniciativa não aparece como ator europeu homogêneo absoluto e capaz de atingir pretensões continentais, mas sim como o embrião de uma ideia corajosa dos membros do Rimland ocidental. Em um projeto europeu mais abrangente e utópico, estes deverão também romper com contradições como denunciar ameaças aos “valores ocidentais” a “crise humanitária” dos albano-

kosovares no sul sérvio e simultaneamente não endossar a entrada progressiva da Turquia na UE, mesmo esta última tendo assentado sua história recente em genocídios e deportações os quais se recusam a reconhecer.

Em uma Europa que vive seu momento histórico de decadência, a armada pode representar uma tentativa de reverter a falta de iniciativa própria que se arrasta há décadas e aos poucos reconstruir uma noção de identidade e interesses comuns. O estreitamento dos laços militares como a aquisição de estaleiros da SDX-France pela italiana Fincantieri (STX-Fincantieri) na condição estabelecida pelo governo francês de que as instalações sejam usadas em prol do espaço europeu, é uma das faces desse alinhamento como possibilidade de desenvolvimento de indústrias europeias de tecnologia militar expressivas e capazes de exercer peso internacional. (STX/Fincantieri, 2017).

É de se acreditar que o projeto não tenha sido pensado a priori em abranger os Estados do leste, imaginando que os idealizadores do EI2 tenham em mente a dada configuração do continente. Por fim, no entanto, a oeste a Iniciativa poderá a médio e longo prazo demonstrar que a coesão em benefício da autodeterminação torna os Estados capazes também de perseguir projetos de interesses e discursos próprios, solidificando suas estruturas e capazes de se exercerem mesmo em contextos desfavoráveis.

Perspectivas de uma nova realidade

No último dia do mês de dezembro de 2019 a China notifica ao mundo o conhecimento de uma pneumonia desconhecida, identificada na cidade industrial de Wuhan. No dia 10 de março desse ano, o mundo registrava 4.296 mortes confirmadas pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2), um mês depois esse número atingia 100 mil mortos.⁷ Pela primeira vez na história, uma edição das Olimpíadas foi adiada e políticos de todos os escalões da vida pública levados à UTI como foi o caso do Primeiro-Ministro do Reino Unido, Boris Johnson. (MASON; O’CARROLL; SABBAGH, 2020). Raras

⁷ Fonte: <https://www.worldometers.info/coronavirus/#countries>.

aparições na TV por parte de personalidades como a rainha da Inglaterra Elizabeth II enfatizando o que é, inegavelmente, o maior desafio da humanidade desde a Segunda Guerra Mundial, também na opinião de Donald Trump, Angela Merkel e outros líderes. (DONAHUE, 2020). Conflitos ao redor do mundo entram em cessar-fogo acordado pelas partes beligerantes a exemplo da guerra no Iémen, entre outros. (COVID-19, 2020).

Ao fim do 100º dia do ano de 2020, o mundo se encontra às portas de uma recessão sem precedentes na história moderna. A medida em que mais de 50% da humanidade se encontra em isolamento em suas casas pela quarentena requerida em razão do rápido contágio da doença respiratória que saturou funcionários e sistemas de saúde pelo planeta, as economias param e a Organização Mundial do Trabalho estima que mais de 1,25 bilhão de pessoas estão expostas ao desemprego e 3,3 bilhões de indivíduos da força de trabalho mundial foram afetados de alguma forma. (INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION, 2017). Nos Estados Unidos em algumas semanas 6,6 milhões de pessoas solicitaram o seguro-desemprego em um país cuja economia, semanas antes, se congratulava de seu pleno emprego. Pesquisas da Oxfam (2020) indicam para uma explosão de aproximadamente 500 milhões de pessoas ameaçadas pela pobreza no mundo.

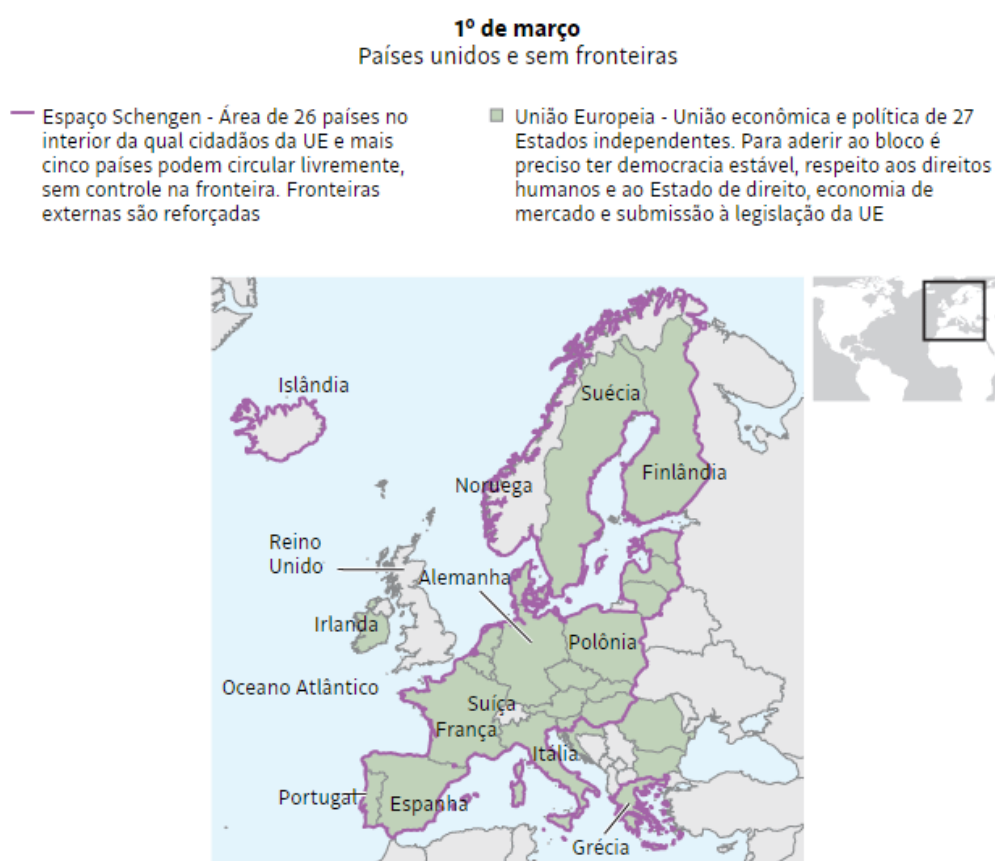
Se a última parte desse trabalho fosse produzida anos atrás, com certeza, poderia parecer pertencente a outro tipo de literatura, contudo diante desse evento histórico de proporções enormes faz-se necessária a análise do cenário europeu, que assim como o mundo como um todo, não será mais o mesmo.

O espaço europeu viu suas fronteiras internas fechadas de maneira inédita no dia 17 de março de 2020, e bem como o ocidente de forma geral, passou a compreender a gravidade da epidemia a medida em que esta castigara a Itália. Primeiro país duramente afetado, registrando casos desde fevereiro e picos de morte que batiam números superiores a 900 vítimas em períodos de 24h, a Itália sofreu e ainda sofre com um sistema de saúde sobrecarregado, equipes médicas exaustas e expostas a infecção, sobretudo na Lombardia, região norte do país. (ITALY, 2020; FOLLAIN, 2020). Depois da Itália, a Espanha viu a curva de casos e mortes subir geometricamente e ultrapassar o número de vítimas em território italiano no dia 3 de abril.

A França e outros países da região também não escaparam das cifras de centenas de mortos diários, sobretudo o Reino Unido que registra um aumento contínuo nas cifras e se viu forçado a alterar sua política de normalidade após estudos do *Imperial College London* indicarem o colapso absoluto e iminente do NHS. (GALLAGHER, 2020). O atraso nessa guinada tardia apenas por questão de alguns dias colocou o Reino Unido numa curva extremamente acelerada de contágio que prevê ultrapassar o pico do contágio e de vítimas de países europeus mais afetados.

Figura 12 – Configurações do espaço europeu no dia 1º de março de 2020

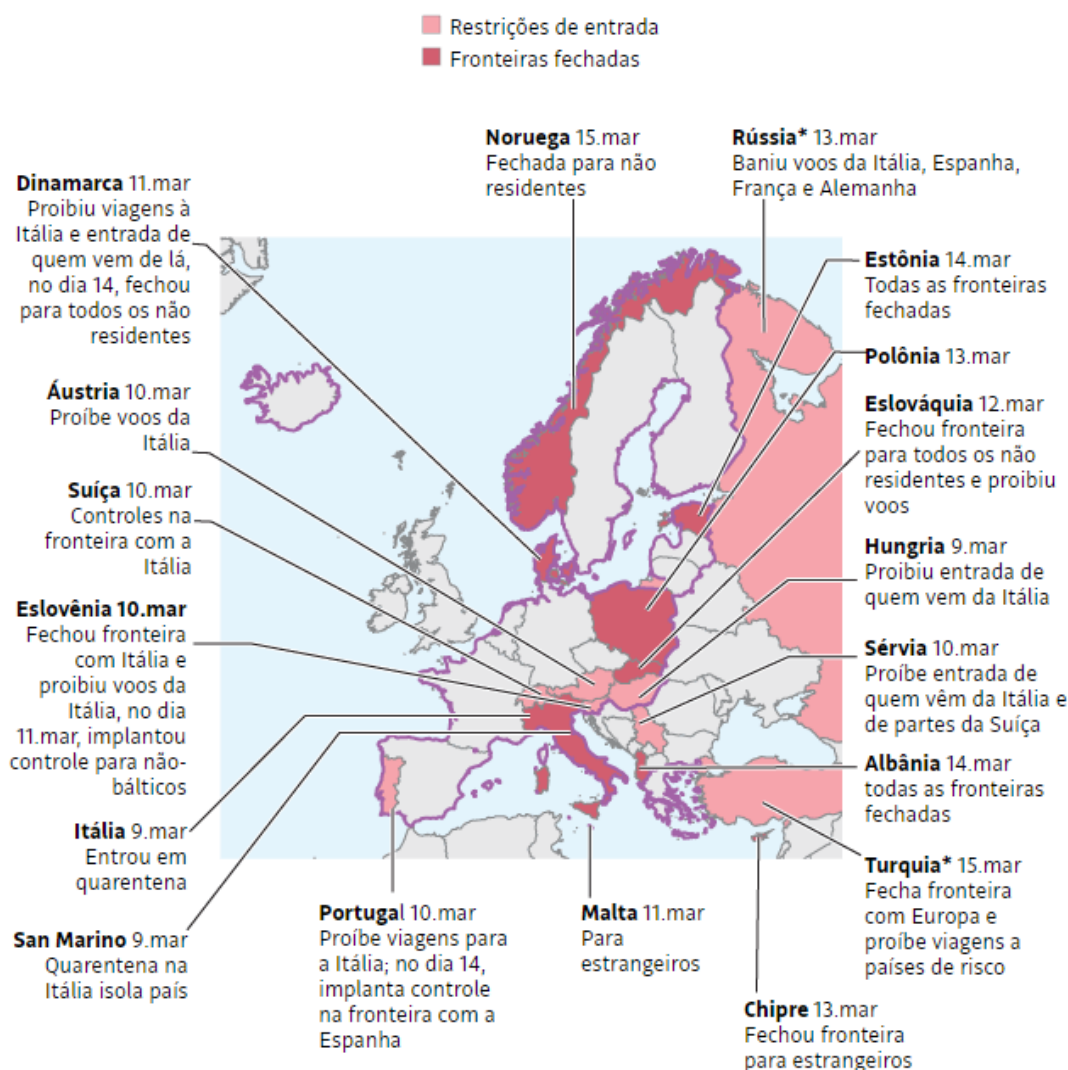
Um continente em três tempos



Fonte: Folha de São Paulo/UOL

Observamos no mapa seguinte as transformações ocorridas no dado espaço de duas semanas com o aumento expressivo nas restrições de locomoção para e oriundas de lugares com grande incidência de casos

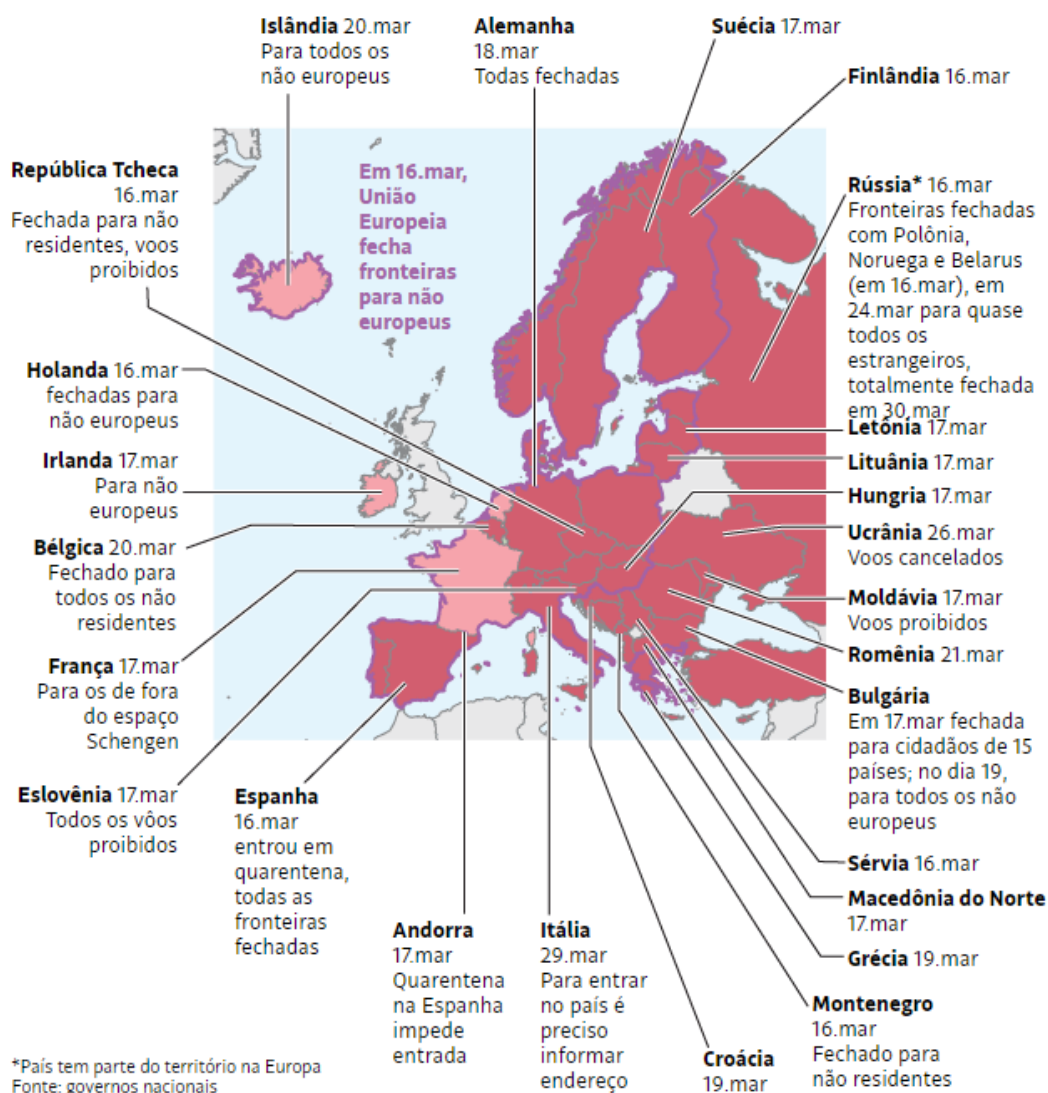
Figura 13 – Configurações do espaço europeu no dia 15 de março de 2020



Fonte: Folha de São Paulo/UOL

Ao fim do mês de março, a situação se tornou ainda mais drástica (Figura 14), com o fechamento de praticamente todas as fronteiras do espaço Schengen, movimento inédito em toda a existência do acordo que simboliza um marco nas relações europeias. Nos dias que se seguiram, a tendência se confirmou completamente e levantou questões acerca da união europeia propriamente dita e invocada institucionalmente.

Figura 14 – Configurações do espaço europeu no 30º dia de março de 2020



Fonte: Folha de São Paulo/UOL

Foi apenas no dia 9 de abril que a União Europeia e os 27 países-membros chegaram a um acordo sobre a criação de um fundo de estímulo de 500 bilhões de euros e se somaram às demais medidas anunciadas pela União, tais como a flexibilização das disciplinas orçamentárias nacionais, isto é, os gastos públicos. A demora superior a 20 dias entre o fechamento das fronteiras e os pacotes de injeção de recursos na economia deve-se sobretudo ao impasse holandês sobre a fixação de condições econômicas estipuladas para o referido crédito de emergência a países que mais o necessitam.

(BOFFEY, 2020). Entre possíveis medidas, a emissão conjunta de dívidas era uma demanda bastante requerida por países como Itália e Espanha, mas não foi atendida sobretudo pela relutância alemã e holandesa, característica comum de países do norte fiscalmente mais conservadores.

A tendência de crise no projeto de integração europeu estudada nos capítulos anteriores corre risco de ser agravada e aprofundada, de modo que se torne mesmo irreversível. A medida em que a epidemia avança elevando a cifra de dezenas de milhares de mortos em meio a ausência de coordenação durante o momento mais crítico vivido pelo bloco, este encontrava-se travado em burocracias e desacordos internos, fronteiras fechadas e retenção de EPIs e respiradores que minam a credibilidade da União Europeia como instituição entre grande parte da população, principalmente em países como a Itália.

Em meados do início de março, o governo italiano encaminharia ao Mecanismo de Proteção Civil da União Europeia um pedido de ajuda para o enfrentamento da pandemia que já sobrecarregava o norte do país, pedido que encontraria a indiferença dos demais países-membros do mecanismo, visivelmente mais preocupados com o cenário de necessidade interna. Por intermédio desse mesmo mecanismo, a UE realizou a doação de mais de 56 toneladas de suprimentos como trajes de proteção, produtos de desinfecção e máscaras no pico da epidemia em território chinês. (EUROPEAN COMMISSION, 2020a).

A falta de uma ação comum organizada é perceptível mesmo dentro das instituições, como a exemplo do Parlamento Europeu restringir o acesso aos seus edifícios centrais enquanto o Conselho Europeu e a Comissão Europeia continuaram operando normalmente em dado momento. (HERSZENHORN; PAUN; DEUTSCH, 2020). Segundo a mídia semanal do *Politico* um oficial da Comissão Europeia disse acreditar que a resposta para a crise poderia ter sido melhor orquestrada, pelo simples fato de que “você poderia ter Leyer, Sassoli e Michel juntos para discutir um plano para a Grécia”. Estes, presidentes da Comissão Europeia, do Parlamento Europeu e do Conselho Europeu, respectivamente.

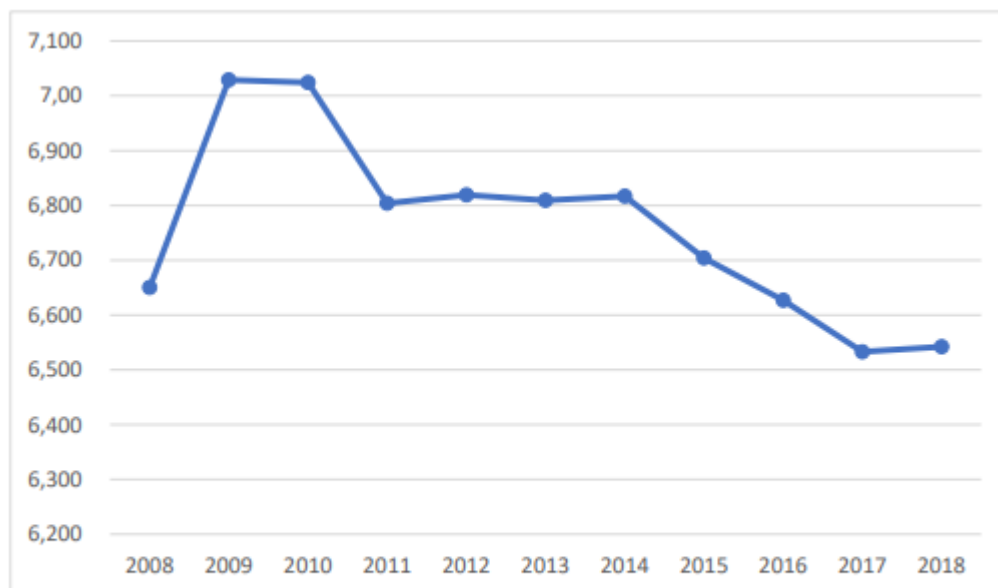
A Alemanha, maior economia europeia e a nação cobrada por uma postura de liderança enfrentou o começo da crise de um modo bastante desastroso, ponto de vista

reforçado por Jana Puglierin, responsável pelo escritório berlinense do ECFR (Conselho Europeu de Relações Exteriores), a Alemanha então lidaria com reações de acusação de egoísmo. (RINKE, 2020). Essas acusações são fundamentadas sobretudo em três primeiros pontos referentes às atitudes alemãs diante da crise em um espaço de três semanas. A primeira circunstância data do decreto de 4 de março interditando exportações de materiais médicos no momento em que a Itália mais precisava, depois, no dia 15 o fechamento das suas fronteiras e no dia 25 do mesmo mês, a rejeição categórica da referida mutualização de dívidas.

Esse caráter de resguardo foi interpretado por muitos governos, sobretudo os que sofreram na crise do euro abordada anteriormente, como novamente uma postura alemã egoísta e centrada como outrora, em suas próprias prioridades. Ainda que países como a França tenham feito o mesmo, a chaga maior parece recair na maior economia do continente, mas não apenas, recai com peso enorme na credibilidade da União Europeia.

Há no imaginário de muitos europeus uma forte noção de que as medidas de austeridade impostas pelos países do norte defensores da rígida política fiscal diante da crise da zona do euro, crise a qual a Itália nunca se recuperou completamente, tenha deixado o país mais exposto e despreparado para a crise do novo coronavírus (FALCO, 2019, p.9), em decorrência de anos de austeridade e cortes de gastos públicos na saúde. (figura 15). O tema de imigração por sua vez, questão a qual não representa um problema para o país considerando a Itália como um país com números relativamente baixos de imigrantes, foi, no entanto, o assunto de maior preocupação para os governos eleitos anteriormente à crise. (HALLINAN, 2020).

Figura 15 – Despesas em Saúde Pública (% PIB), Itália (2008-2018)



Source: Elaboration by the author from OECD – Organisation for Economic Co-operation and Development (2019), "OECD Health Statistics 2019", July 2. Accessed on 02.12.2019, at <http://www.oecd.org/els/health-systems/health-data.htm>.

O descontentamento italiano que ameaça até a permanência do país na UE se estende também a leste na forma da expansão dos poderes do primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán que passou a poder, com a permissão do Parlamento, governar por intermédio de decretos descontroladamente e por tempo indeterminado. O que Ben Kelly (2020), do *The Telegraph* expressa como “É oficial, a União Europeia tem sua primeira ditadura”.

No fim do mês de março de 2020, o primeiro-ministro húngaro acusou a União Europeia de gerir a situação com *incompetência*, enquanto equipamentos e insumos para ajudar a lidar com a pandemia foram recebidos oriundos da China e do Conselho Túrquico. O Conselho, que reúne os países turcofônos tais como o Azerbaijão, o Cazaquistão, o Quirguistão e a Turquia, é uma organização a qual o Orbán participa ativamente inclusive tendo discursado no 7º encontro em Baku, em meados de outubro de 2019. O estreitamento dos laços húngaros e turcofônos é percebido também no comércio entre esses povos, o qual dobrou suas cifras desde a posse do primeiro-ministro.

Reflexos dessa aliança são percebidas na recusa húngara de endossar a declaração da União Europeia condenando operações militares turcas contra forças curdas no norte sírio. (BUYUK, 2019).

Em seu discurso semanal na rádio estatal Kossuth, Orbán afirma:

Somos membros da UE. Queremos uma UE forte, mas temos que ver que a UE tem fraquezas. Essas fraquezas foram vistas claramente durante o surto. Nós nos encontramos com nossos vizinhos e o grupo *Visegrad* (uma aliança cultural e política de quatro países da Europa Central - República Tcheca, Hungria, Polônia e Eslováquia), no entanto, não vimos nenhuma ajuda daqui. Recebemos ajuda da China e solicitamos ajuda do Conselho Turco, do qual somos um membro observador, e conseguimos. (...) Agradecimento e obrigado aos governos turco e uzbeque por sua ajuda. Amigos de verdade aparecem em tempos difíceis.

Não apenas por intermédio de Orbán, suas alianças e sua disputa com Bruxelas a Europa assiste sem reação o permear de fortes contrapontos geopolíticos fronteiras adentro. No mesmo contexto, a Rússia e a China enviam caminhões e aviões com toneladas de equipamentos que cruzam o espaço com suas respectivas bandeiras. Na ausência da União Europeia, o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte e o presidente russo Vladimir Putin acordaram por telefone pelo fim do mês de março, o envio de nove aviões contendo equipamentos médicos e um corpo com mais de 100 *experts* da área da saúde para a ajuda no combate da epidemia na Itália.

Em um artigo publicado pela *Foreign Policy*, o que se passou em realidade foi, segundo um oficial do governo italiano em reportagem ao jornal *La Stampa* o fato de que o envio desses equipamentos eram em “cerca de 80% inúteis ou de pouco uso para a Itália, em outras palavras, a entrega foi mais como um pretexto”, sem respiradores ou EPIs. (BRAW, 2020). Além disso, o envio teria sido procedente não do Ministério da Saúde russo, mas sim do Ministério de Defesa, com os *experts* sendo oficiais do ramo biológico, químico e nuclear, mas não médicos de linha de frente comumente utilizados em crises humanitárias. Esses oficiais permanecerão em Bérgamo, norte da Itália de acordo com uma carta escrita pelo embaixador russo publicada no mesmo jornal. Bérgamo, cidade duramente afetada pela pandemia e a menos de duas horas de uma grande base militar estadunidense da NATO em Vicenza. Esses oficiais, portanto, serão designados na tarefa de desinfecção de instalações ao longo dessas proximidades, o que

levanta preocupações sobre a possibilidade da permanência desse pessoal russo ser utilizada para angariar informações estratégicas de inteligência. O primeiro-ministro afirmou ao Senado, no entanto, que os arranjos geopolíticos italianos não estão condicionados aos envios de tais equipamentos.

Da parte chinesa, o gesto partiu da doação de algumas dezenas de ventiladores e equipamentos EPIs enviados em uma primeira remessa, além das demais compras posteriores por conta do governo italiano. No dia 13 de março, esses equipamentos chegaram à Itália, junto com *experts* que orientavam o governo para a necessidade de uma quarentena mais rígida e desembarcavam de aviões com bandeiras chinesas e mensagens de “a rota da amizade não conhece fronteiras”. (POGGIOLI, 2020). Da mensagem originalmente traduzida do inglês “*the friendship road knows no borders*”, o termo *road* não é empregado por acaso, a Itália, em março desta vez do ano de 2019, decidiu se juntar à referida iniciativa do *Belt and Road*, isto é, o programa de investimentos chineses em infraestrutura do Cinturão e Rota. Por meio de uma série de negócios que totalizam 2,5 bilhões de euros em diversos setores, a Itália planeja impulsionar sua economia que há muito patina, e como primeiro membro do G7 e a primeira economia majoritária europeia a aderir ao programa não poderia deixar de levantar preocupações na Europa e nos Estados Unidos acerca do teor geopolítico evidente e iminente do movimento chinês. (BINDI, 2019).

A nação mediterrânea e a potência asiática assinaram um “memorando de entendimento”, delineando o trabalho de desenvolvimento conjunto em infraestruturas portuárias, de transporte e logística. Para os italianos, isso mostra a presença de nações externas as quais a Itália pode recorrer, mostrando à UE, mais especificamente para a Alemanha e a França, que eles possuem outros contatos aos quais estão dispostos a recorrer em face da morosidade e ineficiência europeia.

Esse movimento detém o mesmo caráter essencial do caso húngaro citado, no qual contrapontos geopolíticos exteriores são utilizados pelos países que o recebem como uma espécie de moeda de troca para barganhar e chamar a atenção da União Europeia para suas exigências. Para os países samaritanos, um caráter de investimento e extensão

da capacidade geopolítica e de *soft power* faz-se permear em um bloco político e econômico forte, no entanto repleto de rachaduras.

Para Federico Santi, analista europeu sênior no Grupo Eurásia “Está claro que isso prejudica a capacidade da Europa e do Ocidente de enfrentar a China”, para ele também esse atrito ocorre em detrimento da própria Itália. Para os italianos, considerando o desenvolvimento de um forte *trade hub* chinês no mediterrâneo a partir de investimentos massivos no porto grego de Pireus, em 2016, a aproximação com o país do leste é compreensivelmente sedutora, considerando o aumento de 11% de exportações chinesas que passam pela Grécia em um período de 7 anos (FARDELLA; PRODI, 2016).

Com a saída dos Estados Unidos da Parceria Transpacífica (TPP), assinada por Trump no começo do seu mandato e a decisão do mesmo presidente pela interrupção das negociações do Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (TTIP), o BRI se torna exclusivamente a única iniciativa majoritária ligando o ocidente ao oriente, aos termos chineses. Essa é uma das formas pelas quais a Europa e o ocidente de um modo geral são atraídos para o raio de influência geopolítica chinês. (LIBRE-ÉCHANGE, 2017). Os Estados Unidos, país mais apto a exercer a liderança conjunta de um bloco ocidental de cultura e interesses comuns, são por muitas vezes o principal propulsor de ações, nesse sentido, contraproducentes.

Interpretações de ameaças em uma armada exclusivamente europeia

Precisamente como o terremoto de Lisboa em 1755, desastres são eventos de grande impacto na maneira pela qual enxergamos o mundo. Voltaire, Rousseau e Kant são alguns dos nomes mais famosos que se poriam a repensar aspectos da sociedade muitas vezes arraigados a preceitos dos dogmas cristãos, por exemplo. (DYNES, 1999, p. 5). A exemplo de Voltaire, em sua obra *Cândido ou o Otimismo*, e sua crítica a ideia do “melhor dos mundos possíveis” providos por uma benevolência superior e Kant com sua abordagem científica que explicaria a ocasião de terremotos por meio de gases quentes em cavernas (LARSEN, 2006).

As reflexões estabelecidas são pertinentes para considerarmos como provável ou improvável expansão do EI2 para o leste bem como a manutenção de sua concepção interna de aliados e rivais. O respaldo cada vez menor de seu antigo aliado do outro lado do Atlântico e a expansão da influência da superpotência chinesa nos *rimlands* ocidentais do *Heartland* e um estado russo que gera desconfianças ao leste, foram os preceitos tidos como tendência para o nascimento do projeto europeu.

Os desdobramentos da crise atual parecem acelerar essa tendência mais rápido do que os esforços de Macron foram capazes de tornar a Europa mais coesa. Se a percepção geral da ajuda ou da falta de ajuda da EU for tomado como um termômetro da solidariedade e da capacidade bem como do comprometimento em respostas para momentos críticos de calamidade para com os membros do grupo, é forçoso admitir que demais iniciativas de cooperação com escopo europeu entre países enfraqueçam ou se tornem desacreditadas, por assim dizer, tomando como base experiências passadas.

Um eventual fracasso da organização em manter firme o seu propósito-fundador—o da solidariedade—durante a maior crise da sua história não apenas seria uma contradição crítica no âmago institucional, mas segundo seus próprios diplomatas do bloco, como Ignacio Ybáñez chefe da missão diplomática europeia no Brasil, seria também o seu fracasso. (COLETTA, 2020). Como demonstramos, a noção de Europa e de ocidente e sua própria invocação por meio dos discursos e da noção identitária toma forma no espalhamento de suas instituições no espaço, seja por intermédio da UE ou da OTAN, portanto é forçoso acreditar que uma crise dessas instituições altere essa percepção.

Do outro lado do erro crítico de liderança cometido pelo prefeito de Milão, Giuseppe Sala e o slogan “*Milão não para*” diante da pandemia do novo coronavírus, assumidamente catastrófico e de amargo arrependimento, está a conhecida indisposição dos países do norte para a solidariedade financeira nesse momento, categoricamente rejeitando os desejados títulos “*coronabonds*” mencionados.

Ao fim da crise, um multilateralismo subjugado pelo descrédito frente ao inevitável fortalecimento do poder estatal que sairá desse momento mais ativo do que outrora, agravará o eurocentrismo crescente. Do afrouxamento dos laços europeus, a

pressão da influência de polos geopolíticos estratégicos sobretudo a leste tende a permear no espaço de modo que a própria concepção de ameaças entre os países do EI2 se torne dissonante entre si, limitando sua expansão e seu ímpeto de ação.

A exemplo do estreitamento dos laços chineses e italianos em detrimento das preocupações dos velhos aliados do continente, é importante refletir acerca do grau futuro do comprometimento italiano na iniciativa em movimentos que possam desagradar os interesses asiáticos comerciais ou de outra natureza. Como analisamos, maior o alcance dos investimentos chineses, maior é o seu recurso e poder dissuasivo.

A máxima *divide et impera*, popularmente difundida e não necessariamente menos verdadeira ainda é de grande utilidade para se analisar geopoliticamente. Por razões lógicas o desagregamento do bloco europeu tem como outro lado da moeda a maximização dos poderes de nações mais engajadas em seguir seus próprios interesses. No entanto, é possível considerar que o rompimento com o multilateralismo guie e seja guiado por uma falsa sensação de liberdade de escolha, onde nações poderão optar entre as opções postas por um único centro de influência geopolítica, com condescendência, no contexto histórico o qual a maioria dos estados europeus individualmente já não gozam mais da primazia de outrora.

Caberia então à própria liderança da UE se mostrar uma alternativa a essa realidade que é sentida por muitos europeus dentro da própria UE, demonstrando melhores caminhos e melhores escolhas, com a prática por intermédio das instituições, mas com a vontade acima da burocracia destas. Urge a solidariedade e o senso de pertencimento de um espaço de cultura e história comum e do espaço europeu como um sistema, para que se estabeleça novamente a mesma concepção de uma união benéfica de outrora e que diversas percepções possam se realinhar.

Referências

- ABRAMSON, Alana. President Trump just acknowledged Russian meddling in the 2016 election. *Time*, [s.l.], 17 July 2018. Politics, White House. Disponível em: <https://time.com/5341137/donald-trump-vladimir-putin-russian-meddling-correction/>. Acesso em: 16 abr. 2020.
- AFP. Panorama des mouvements d'extrême droite en Europe. *Le Point*, Paris, 17 déc. 2017. Disponível em: https://www.lepoint.fr/monde/panorama-des-mouvements-d-extreme-droite-en-europe-17-12-2017-2180639_24.php. Acesso em: 5 abr. 2020.
- ARNETT, George. Is Britain the most Eurosceptic country? *The Guardian*, London, 23 Jun. 2016. Datablog Europe. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/datablog/2016/jun/23/is-britain-most-eurosceptic-country>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BARDOS, Gordon. N. *Balkan Blowback? Osama bin Laden and Southeastern Europe*. *Mediterranean Quarterly*, Durham, NC, v. 13, n. 1, p. 44-53, Winter 2002.
- BARICHELLA, Arnault. *La présidence de Trump: quelles conséquences pour l'Europe? Questions et Entretiens d'Europe*. Paris: Fondation Robert Schuman, 2017. p. 1-13. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01738129/document>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- BARREAU, Jean-Claude. *De l'Islam en général et du monde moderne en particulier*. Paris: Le Pré aux Clercs, 1991. p. 92.
- BATUT, Jean-Pierre. Le "Filioque", pomme de discorde entre l'Orient et l'Occident? *Revue des études slaves*, Paris, v. 68, n. 3, p. 385-398, 1996.
- BENCHEIKH, Soheib. *Marianne et le prophète: l'Islam dans la France laïque*. Paris: Grasset, 1998. p. 9.
- BINDI, Federiga. Why did Italy embrace the belt and road initiative? *Carnegie Endowment for International Peace*, Washington, DC., 20 May 2019. Disponível em: <https://carnegieendowment.org/2019/05/20/why-did-italy-embrace-belt-and-road-initiative-pub-79149>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- BOFFEY, Daniel. EU strikes €500bn relief deal for countries hit hardest by pandemic. *The Guardian*, London, 9 Apr. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/business/2020/apr/09/eu-risks-break-up-over-coronabonds-row-warns-italian-pm>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BRAW, Elisabeth. Beware of bad samaritans. *Foreign Policy*, Washington, DC, 30 Mar. 2020. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2020/03/30/russia-china-coronavirus-geopolitics/>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- BRZEZINSKI, Zbigniew. *Le grand échiquier: L'Amérique et le reste du monde*. Montrouge: Bayard Éditions, 1997.
- BURGESS, Michael. *Federalism and the European Union: the building of Europe, 1950-2000*. New York, NY: Routledge, 2002.
- BUYUK, Hamdi Firat. Orban enlists Turkic States in fight against liberal democracy. *Reporting Democracy*, [s.l.], 22 Oct. 2019. Disponível em: <https://balkaninsight.com/2019/10/22/orban-enlists-turkic-states-in-fight-against-liberal-democracy/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

CARMONA, Ronaldo Gomes. *Geopolítica clássica e geopolítica brasileira contemporânea: Mahan, Mackindere e a “grande estratégia” do Brasil para o século XXI*. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11062013-111229/publico/2012_RonaldoGomesCarmona.pdf. Acesso em: 8 jan. 2020.

CHAUVEL, Louis. *Les classes moyennes à la derive*. Paris: Le Seuil, 2006. (République des idées).

COLETTA, Ricardo Della. ‘Se não houver solidariedade, projeto europeu chegou ao fim’, diz embaixador da UE. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/04/se-nao-houver-solidariedade-projeto-europeu-chegou-ao-fim-diz-embaixador-da-ue.shtml>. Acesso em: 13 abr. 2020.

COOK, Joana; VALE, Gina. *From Daesh to ‘Diaspora’: tracing the women and minors of Islamic State*. London: International Centre for the Study of Radicalisation. King’s College, 2018.

COPLEY, Gregory R. (ed.). The Kosovo crisis: the new Rome and the new religious wars. *Defense & Foreign Affairs Strategic Policy*, Washington, DC, v. 27, n. 3, p. 3-19, May 1999. Disponível em: <http://balkania.tripod.com/resources/geostrategy/newrome.htm>. Acesso em: 22 abr. 2020.

COVID-19 in Yemen: Saudi coalition ceasefire declared in bid to contain coronavirus. *United Nations News*, New York, 24 Apr. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2020/04/1061422>. Acesso em: 4 abr. 2020.

CRISE. In: DICIONÁRIO etimológico: etimologia e origem das palavras. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/crise/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

CUBBERLEY, Paul. The Slavic alphabets. In: DANIELS, Peter T.; BRIGHT, William (ed.). *The World’s writing systems*. Oxford University Press: New York, NY, 1996. p. 346-363.

DEL VALLE, Alexandre. *Guerras contra a Europa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2003.

DINAN, Desmond; NUGENT, Neill; PATERSON, William E. (ed.) *The European Union in crisis*. London: Macmillan International Higher Education, 2017.

DONAHUE, Patrick. Merkel urges unity in biggest challenge since World War II. *Bloomberg*, New York, 18 Mar. 2020. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-03-18/merkel-urges-solidarity-in-biggest-challenge-since-world-war-ii>. Acesso em: 20 abr. 2020.

DYNES, Russell Rowe. *The dialogue between Voltaire and Rousseau on the Lisbon earthquake: the emergence of a social science view*. Newark: University of Delaware, Disaster Research Center, 1999.

ELLYATT, Holly. The long goodbye: who can replace Angela Merkel? *CNBC*, Englewood Cliffs, 12 Oct. 2018. Disponível em: <https://www.cnn.com/2018/10/12/angela-merkels-power-is-weakening-who-could-be-germanys-next-leader.html>. Acesso em: 5 abr. 2020.

EMMOTT, Robin; KOUTANTOU, Angeliki. Greece blocs EU statement on China human rights at U.N. *Reuters*, London, 18 June 2017. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-eu-un-rights/greece-blocks-eu-statement-on-china-human-rights-at-u-n-idUSKBN1990FP>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ENLI, Gunn. Twitter as arena for the authentic outsider: exploring the social media campaigns of Trump and Clinton in the 2016 US presidential election. *European Journal of Communication*, Thousand Oaks, v.

32, n. 1, p. 50-61, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0267323116682802>. Acesso em: 28 mar. 2020.

EUROPEAN COMMISSION. *Coronavirus*: Chinese aid to the EU delivered to Italy. Brussels, 6 Apr. 2020a. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_20_600. Acesso em: 15 abr. 2020.

EUROPEAN COMMISSION. *EU foreign investment screening regulation enters into force*. Brussels, 10 Apr. 2020b. Disponível em: https://ec.europa.eu/commission/presscorner/detail/en/IP_19_2088. Acesso em: 2 abr. 2020.

EUROSCEPTIC. In: CAMBRIDGE dictionary. Cambridge, UK: Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/eurosceptic>. Acesso em: 20 set. 2019.

FAHRENTHOLD, David A.; PARTLOW, Joshua. 5 questions about President Trump's use of undocumented workers. *The Washington Post*, Washington, DC, 4 Dec. 2019. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/5-questions-about-president-trumps-use-of-undocumented-workers/2019/12/04/29439928-16a2-11ea-a659-7d69641c6ff7_story.html. Acesso em: 10 abr. 2020.

FALCO, Rossella De. Access to healthcare and the global financial crisis in Italy: a human rights perspective. *e-cadernos CES*, Coimbra, n. 31, p. 170-193, 2019.

FARDELLA, Enrico; PRODI, Giorgio. The belt and road initiative impact on Europe: an Italian perspective. *China & World Economy*, Chichester, v. 25, n. 5, p. 125-138, Sept./Oct. 2017.

FOLLAIN, John. Italy reports higher number of deaths, virus cases Thursday. *Bloomberg*, New York, 9 Apr. 2020. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-04-09/italy-reports-higher-number-of-deaths-new-virus-cases-thursday>. Acesso em: 15 abr. 2020.

FOMINAYA, Cristina Flesher; COX, Laurence. (ed.). *Understanding European movements: new social movements, global justice struggles, anti-austerity protest*. London: Routledge, 2013.

FRANCE. Assemblée Nationale. *Commission de la défense nationale et des forces armées*. Compte Rendu. Paris, 18 oct. 2018. Disponível em: <http://www.assemblee-nationale.fr/15/cr-cdef/18-19/c1819015.asp>. Acesso em: 10 abr. 2020.

FRANCE. Ministère des Armées. Direction générale des relations internationales et de la stratégie (DGRIS). *European intervention initiative*. 17 avril 2020. Disponível em: <https://www.defense.gouv.fr/english/dgris/international-action/l-iei/l-initiative-europeenne-d-intervention>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FREEDMAN, Jane. *Immigration and insecurity in France*. New York, NY: Routledge, Taylor & Francis Group, 2017.

GALLAGHER, James. Coronavirus: UK changes course amid death toll fears. *BBC*, London, 17 Mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/health-51915302>. Acesso em: 18 abr. 2020.

GALLOIS, P.-M. "Geografia, geopolítica e potências do mar e da terra", seminário da Escola Nacional Superior de Guerra, 11 de maio de 1978.

GERACE, Michael P. Between Mackinder and Spykman: geopolitics, containment, and after. *Comparative Strategy*, Fairfax, v. 10, n. 4, p. 347-364, 1991.

GILLESPIE, Patrick. Washing machines are going to get more expensive. *CNN*, Atlanta, 23 Jan. 2018. Disponível em: <https://money.cnn.com/2018/01/23/news/economy/washing-machines-trump-tariff/index.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

GÓRNIIEWICZ, Grzegorz. Public finances crises within the countries of PIIGS group. *Studia Universitatis Babes-Bolyai: Negotia*, Cluj-Napoca, v. 56, n. 2, p. 55-67, 2011.

HALLINAN, Conn. How austerity and anti-immigrant politics left Italy exposed. *CounterPunch*, [s.l.], 26 Mar. 2020. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2020/03/26/how-austerity-and-anti-immigrant-politics-left-italy-exposed/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

HARRY S. TRUMAN PRESIDENTIAL LIBRARY AND MUSEUM (Independence, MO). *Telegram, George Kennan to James Byrnes "Long Telegram" February 22, 1946*. Disponível em: <https://www.trumanlibrary.gov/library/research-files/telegram-george-kennan-james-byrnes-long-telegram?documentid=NA&pagenumber=1>. Acesso em: 15 abr. 2020.

HERSZENHORN, David M.; PAUN, Carmen; DEUTSCH, Jillian. Europe fails to help Italy in coronavirus fight. *Politico*, Brussels, 3 May 2020. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/eu-aims-better-control-coronavirus-responses/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

HO, Kevin K. Trading rights and wrongs: the 2002 Bush steel tariffs. *Berkeley Journal of International Law*, Berkley, CA, v. 21, n. 3, p.825-846, 2003.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work*. 2. ed. [S.l.], 7 Apr. 2017. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@dgreports/@dcomm/documents/briefingnote/wcms_740877.pdf. Acesso em: 3 maio 2020

INTERNATIONAL MONETARY FUND (Washington, DC). *IMF Datamapper*. Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/>. Acesso em: 5 abr. 2020.

ITALIA. Ministero della Difesa. *Defence Ministry: Italy joins the European intervention initiative*. Rome, 20 Sept. 2019. Disponível em: http://www.difesa.it/EN/Primo_Piano/Pagine/hwyeiry.aspx. Acesso em: 5 abr. 2020.

ITALY says number of doctors killed by coronavirus passes 100. *France 24*, Issy-les-Moulineaux, 9, Apr. 2020. Disponível em: <https://www.france24.com/en/20200409-italy-says-number-of-doctors-killed-by-coronavirus-passes-100>. Acesso em: 15 abr. 2020.

JOUANNEAU, Daniel. "Le syndrome pakistanais: Christophe Jaffrelot, Paris, Fayard, 2013, 658 pages". *Politique étrangère*, Paris, v. 79, n. 4, p. 202-205, 2014.

KELLY, Ben. If the EU cannot rein in Hungary's dictator Viktor Orban, it will rot from the inside. *The Telegraph*, London, 31 Mar. 2020. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/politics/2020/03/31/eu-cannot-rein-hungarys-dictator-viktor-orban-will-rot-inside/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

KESSLER, Glenn. Trump's false claim he built his empire with a 'small loan' from his father. *The Washington Post*, Washington, DC, 3 Mar. 2016. <https://www.washingtonpost.com/news/fact-checker/wp/2016/03/03/trumps-false-claim-he-built-his-empire-with-a-small-loan-from-his-father/>. Acesso em: 1 abr. 2020.

KOTTASOVA, Ivana. How NATO is funded and who pays what. *CNN*, Atlanta, 20 Mar. 2017. Disponível em: <https://money.cnn.com/2017/03/20/news/nato-funding-explained/index.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.

KUO, Lily. China files complaint to WTO over Trump's \$200bn tariff plan. *The Guardian*, London, 16 July 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/business/2018/jul/16/china-files-complaint-to-wto-over-trump-tariff-plan>. Acesso em: 11 abr. 2020.

L'EUROPE aux prises avec l'une des plus graves crises migratoires de l'histoire. *Sud Ouest*, [s.l.], 26 août 2015. Disponível em: <https://www.sudouest.fr/2015/08/26/l-europe-aux-prises-avec-l-une-des-plus-graves-crisis-migratoires-de-l-histoire-2106452-6109.php>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LARSEN, Svend Erik. The Lisbon earthquake and the scientific turn in Kant's philosophy. *European Review*, Cambridge, v. 14, n. 3, p. 359-367, July 2006.

LIBRE-ÉCHANGE: Trump signe l'acte de retrait des Etats-Unis du Partenariat transpacifique. *Le Monde*, Paris, 23 janv. 2017. Disponível em: https://www.lemonde.fr/ameriques/article/2017/01/23/libre-echange-trump-signe-l-acte-de-retrait-des-etats-unis-du-partenariat-transpacifique_5067840_3222.html. Acesso em: 12 abr. 2020.

LINDEN, Ronald et POHLMAN, Lisa. Now you see it, now you don't: anti-EU politics in Central and Southeast Europe. *Journal of European Integration*, London, UK, v. 25, n. 4, p. 311-334, 2003.

MACKINDER, Halford John. *Democratic ideals and reality: a study in the politics of reconstruction*. London: Constable Publishers, 1942.

MACRON, Emmanuel. *Initiative pour l'Europe: discours d'Emmanuel Macron pour une Europe souveraine, unie, démocratique*. Paris, 26 sept. 2017. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2017/09/26/initiative-pour-l-europe-discours-d-emmanuel-macron-pour-une-europe-souveraine-unie-democratique>. Acesso em: 19 mar. 2020

MALONEY, Sean Michael. *Canada and UN peacekeeping: Cold War by other means, 1945-1970*. St. Catharines: Vanwell Pub., 2002.

MASON, Rowena; O'CARROLL, Lisa; SABBAGH, Dan. Boris Johnson moved to intensive care after his condition worsens. *The Guardian*, London, 6 Apr. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/06/boris-johnson-moved-to-intensive-care-after-his-condition-worsens>. Acesso em: 15 abr. 2020.

MCKIRDY, Euan. Germany's defense minister to Trump: no, we don't owe NATO money. *CNN*, Atlanta, 20 Mar. 2017. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2017/03/20/politics/nato-commitment-germany-reacts-trump/index.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MIELNICZUK, Fabiano. A crise ucraniana e suas implicações para as relações internacionais. *Conjuntura Austral*, Porto Alegre, v. 5, n. 23, p. 4-19, abr./maio 2014.

OECD. "The Belt and Road Initiative in the global trade, investment and finance landscape". In: *OECD Business and Finance Outlook 2018*. Paris: OECD Publishing, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1787/bus_fin_out-2018-6-en. Acesso em: 30 mar. 2020

OXFAM. *Un demi-milliard de personnes pourraient basculer dans la pauvreté à cause du coronavirus, alerte Oxfam*. 9 avril 2020. Disponível em: <https://www.oxfam.org/fr/communiqués-presse/un-demi-milliard-de-personnes-pourraient-basculer-dans-la-pauvrete-cause-du>. Acesso em: 9 abr. 2020.

PALMER, Doug. Why steel tariffs failed when Bush was president. *Politico*, Brussels, 3 Aug. 2018. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/bush-trump-tariffs-why-steel-and-aluminum-failed-when-president/>. Acesso em: 24 mar. 2020.

PARLEMENT EUROPÉEN. *Une Europe ouverte?* Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/infographic/welcoming-europe/index_fr.html#filter=2018. Acesso em: 15 abr. 2020.

PEYREFITTE, Alain. *La Chine s'est éveillée: carnets de route de l'ère Deng Xiaoping*. Paris: Fayard, 2014.

POGGIOLI, Sylvia. For help on coronavirus, Italy Turns to China, Russia and Cuba. *NPR: National Public Radio*, Washington, DC, 25 Mar. 2020. Disponível em: <https://www.npr.org/sections/coronavirus-live-updates/2020/03/25/821345465/for-help-on-coronavirus-italy-turns-to-china-russia-and-cuba>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PRICE, David H. Cold war anthropology: collaborators and victims of the national security state. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, London, UK, v. 4, n. 3-4, p. 389-430, 1998.

RAPPEPORT, Alan; EWING, Jack. As Trumps threatens car tariffs, Europe prepares to strike back. *The New York Times*, New York, 14 Nov. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/11/14/us/politics/trump-car-tariffs-europe.html>. Acesso em: 29 mar. 2020.

RINKE, Andreas. Egoismus statt Solidarität? - Deutschlands EU-Image in Corona-Krise leidet. *Reuters*, Berlin, 25 März 2020. Disponível em: <https://de.reuters.com/article/virus-deutschland-idDEKBN21C2XE>. Acesso em: 16 abr. 2020.

SAHUQUILLO, María R. A “revolução patriótica” que promove a avalanche de direita na Polónia. *El País*, Madri, 8 jul. 2008. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/07/internacional/1530989514_090493.html. Acesso em: 13 abr. 2020.

SELIGMAN, Laura; GRAMER, Robbie. ‘Fort Trump’ for Poland? Not quite. *Foreign Policy*, Washington, DC, 12 June 2020. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/06/12/fort-trump-for-poland-not-quite/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

SILVA, Isabel Marques da. Ursula von der Leyen começa périplo em Paris. *Euronews*, Lyon, 23 jul. 2019. Disponível em: <https://pt.euronews.com/2019/07/23/ursula-von-der-leyen-comeca-periplo-em-paris>. Acesso em: 20 mar. 2020.

STAVRAKAKIS, Yannis; KATSAMBEKIS, Giorgos; NIKISIANIS, Nikos; KIOUPKIOLIS, Alexandros; SIOMOS, Thomas. Extreme right-wing populism in Europe: revisiting a reified association. *Critical Discourse Studies*, New York, NY, v. 14, n. 4, p. 420-439, Apr. 2017.

STX/Fincantieri: Rome et Paris pensent parvenir “à un bon accord”. *Capital*, Gennevilliers, 25 sept. 2017. Disponível em: <https://www.capital.fr/entreprises-marches/stx-fincantieri-rome-et-paris-pensent-parvenir-a-un-bon-accord-1246051>. Acesso em: 4 abr. 2020.

TAN, Weizhen. The US-China dispute ‘is not about the trade deficit,’ Barclays says. *CNBC*, Englewood Cliffs, 9 Oct. 2018. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/10/09/us-china-trade-war-is-not-about-the-trade-deficit-barclays-says.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

THUAL, François. *Le désir de territoire: morphogenèses territoriales et identités*. Paris: Ellipses, 1999.

USA. U.S. Department of State. *Growth in the Americas*. Disponível em: <https://www.state.gov/growth-in-the-americas/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

WALSH, John. French President Emmanuel Macron's job-approval rating hits its lowest point yet. *Business Insider*, New York, 5 Sept. 2018. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/french-president-emmanuel-macron-job-approval-ratings-record-low-2018-9>. Acesso em: 18 abr. 2020.

WEINSTEIN, Raymond M. Succession and renewal in urban neighborhoods: the case of Coney Island. *Sociation Today*, Durham, NC, v. 5, n. 2, Fall 2007.

ZIRING, Lawrence. Buffer states on the rim of Asia: Pakistan, Afghanistan, Iran and the superpowers. In: MALIK, Hafeez (ed.). *Soviet-American relations with Pakistan, Iran and Afghanistan*. London: Palgrave Macmillan, 1987. p. 90-126.